

Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

Diálogo na formação de jovens ambientalistas: estudo de caso do
Coletivo Jovem Albatroz

Thaís Cândido Lopes

Trabalho de conclusão de curso apresentado para
obtenção do título de Especialista em Educação
Ambiental e Transição para Sociedades
Sustentáveis pela ESALQ/USP

Piracicaba

2020

Thaís Cândido Lopes
Especialização em Educação Ambiental e a Transição para
Sociedades Sustentáveis

Diálogo na Formação de Jovens Ambientalistas: estudo de caso
do Coletivo Jovem Albatroz

Orientador:

Msc. **RAFAEL DE ARAUJO AROSA**
MONTEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção do título de Especialista em
Educação Ambiental e Transição para
Sociedades Sustentáveis pela ESALQ/USP

Piracicaba

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer meus pais por todo apoio e incentivo na minha trajetória de aprendizagem.

Agradeço aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado durante o percurso acadêmico.

Sou grata pela amizade e confiança depositada em meu trabalho ao MSC. Rafael de Araujo Arosa Monteiro, orientador do meu trabalho. Obrigada por me manter motivada durante todo o processo e por me apresentar a ciência com outros olhos.

Agradeço ao Projeto Albatroz, bem como a Tatiana Neves e a Cynthia Ranieri, pela estruturação e desenvolvimento do Coletivo Jovem Albatroz, minha primeira escola de educação ambiental, a qual me permitiu diversos vôos, como este aqui.

Por último, quero agradecer também o Laboratório de Políticas e Educação Ambiental - OCA da Universidade de São Paulo pela realização do Curso de Especialização em Educação Ambiental e a Transição para Sociedades Sustentáveis, todos os colegas de curso e toda equipe pedagógica, em especial à minha tutora Doutora Vivian Battaini por todos os momentos de reflexão e avaliação no meu processo formativo.

“Desistir...

*Eu já pensei seriamente nisso, mas
nunca me levei realmente a sério;
é que tem mais chão nos meus olhos do
que o cansaço nas minhas pernas,
mais esperança nos meus passos, do
que tristeza nos meus ombros,
mais estrada no meu coração do que
medo na minha cabeça”*

Cora Coralina

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT	2
1. INTRODUÇÃO	3
2. REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL	5
2.2. DIÁLOGO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	8
2.3. JUVENTUDES	11
3. METODOLOGIA	13
3.1. PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	13
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DESENVOLVIDOS DENTRO DO COLETIVO JOVEM ALBATROZ	15
4.1.1. Consolidação do Coletivo Jovem Albatroz	16
4.1.2. Segunda Formação de Jovens do CJA	19
4.1.3. I Encontro Jovem Transformar	19
4.1.4. Avaliação e Novas Propostas	20
4.1.5. Reestruturação e fortalecimento do CJA	20
4.1.6. Formação de Jovens Educadores Ambientais	22
4.1.7. Formação em Educomunicação e Processos de Educação Ambiental	24
4.1.8. II Encontro Jovem Mar	25
4.1.9. Planejamento Participativo do III Encontro Jovem Mar	25
4.1.10. Produção Audiovisual – uma nova formação	26
4.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS À LUZ DO DIÁLOGO	28
4.2.1. Construção de um ambiente dialógico	28
4.2.1.1. O fomento do amor, da humildade, da fé, da confiança, da esperança e do pensar crítico	28
4.2.1.2. Expressão, respeito e escuta	31
4.2.1.3. Condições externas	33
4.2.1.4. Desafios	35
4.2.2. Liderança dialógica	37
4.2.3. Aprendizado do diálogo	38
4.3. JUVENTUDES E DIÁLOGO	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

RESUMO

Diálogo na formação de jovens ambientalistas: um estudo de caso do Coletivo Jovem Albatroz

A prática pedagógica "bancária" reforça valores como a competição, o individualismo, a dominação, entre outros, gerando uma postura impositiva e autoritária. Por outro lado, a prática do diálogo como ferramenta pedagógica é um meio de garantir a autonomia e a emancipação das pessoas. Neste sentido, para enfrentar os problemas ambientais, um caminho possível é o da educação ambiental que fomente processos dialógicos. Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo geral contribuir para o aprofundamento dos conhecimentos de diálogo na formação de jovens ambientalistas e como objetivos específicos: realizar o levantamento histórico dos processos de formação desenvolvidos dentro do Coletivo Jovem Albatroz (CJA); identificar e analisar a ocorrência do diálogo dentro do Coletivo Jovem Albatroz, a partir dos processos de formação desenvolvidos. Para isto, adotou como metodologia uma abordagem qualitativa, desenvolvida em três etapas: revisão bibliográfica, análise de documentos e análise dos dados à luz do diálogo. Tal metodologia gerou como resultados um levantamento histórico e análise dos processos de formação desenvolvidos pelo CJA, a partir dos quais foi possível identificar o fomento da construção de um ambiente dialógico por uma liderança que se dispõe a ser dialógica, gerando o aprendizado e vivência do diálogo ao grupo de jovens. Em paralelo, também foram encontrados desafios para a manutenção do diálogo, como a dificuldade dos jovens se manterem no Coletivo, bem como a aproximação de novos jovens, provenientes de áreas do conhecimento distintas da área ambiental.

Palavras-chave: 1. Diálogo 2. Educação Ambiental 3. Juventude 4. Coletivos Jovens de Meio Ambiente

ABSTRACT

Dialogue in the training of young environmentalists: a case study of Coletivo Jovem Albatroz

A "banking" pedagogical practice reinforces values such as competition, or individualism, domination, among others, generating an authoritarian and imposing stance. Still, the practice of dialogue as a pedagogical tool and a means of guaranteeing people's autonomy and emancipation. In this regard, in order to face environmental problems, a possible path is environmental education by adding dialogic processes. In this way, the present work, has as its general objective to contribute to the deepening of two knowledges of the dialogue in the training of young environmentalists and as specific objectives: to carry out the historical survey of two training processes developed at the Coletivo Jovem Albatroz (CJA); identify and analyze the occurrences of dialogue at Coletivo Jovem Albatroz, based on two processes of continuous training. In order to do so, as methodology, a qualitative approach was adopted and developed in three stages: bibliographic survey, documentation analysis and analysis of two data in the light of the dialogue. Such methodology generated, as results, a historical survey of training processes developed by CJA and, an analysis where it was possible to infer or promote the construction of a dialogical environment by a leadership that is willing to be dialogical generating knowledge and living experience the group dialogue, however it presents challenges as the difficulty of young people from different fields of knowledge in the environmental area, to get together and the difficulty of young people in staying active within CJA.

Keyword: 1. Dialogue 2. Environmental education 3. Youth 4. Young environmental collective

1. INTRODUÇÃO

A sociedade enfrenta problemas ambientais diretamente ligados pela estrutura social construída a partir da tríade ciência-imperialismo-capitalismo, a qual se caracteriza por uma série de valores que são incorporados pelas pessoas ao longo de suas vidas, como a competição, o individualismo, a busca desenfreada pelo lucro econômico, dominação, entre outros (JACOBI; MONTEIRO; SOUZA, 2020).

Muitos destes valores encontram na educação um caminho para sua transmissão e perpetuação. Tais valores podem ser prescritos pelos educadores (as), em espaços formais e não formais de educação, a partir de uma prática pedagógica “bancária”, como sugeriu Freire (1981). Nesta prática, o educador detém conhecimento e precisa “depositá-lo” nos educandos como se suas cabeças fossem vazias de conhecimento (FREIRE, 1981). Paulo Freire (1981, p. 68) se referia a esse método da seguinte forma: “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados”. Desta maneira, a educação “é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo” (FREIRE, 1981, p. 100). Assim, ao assumir uma postura impositiva e autoritária, esta prática pedagógica não permite espaço para críticas e questionamentos das ideias e valores vigentes.

Por outro lado, uma maneira de garantir a autonomia e emancipação das pessoas é pela prática do diálogo, entendido como uma forma de se comunicar com o outro que possibilita que as pessoas pensem em conjunto, permitindo o surgimento de novas compreensões sobre o modo que pensamos e agimos diariamente (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019). A partir dela é possível promover a interação entre pessoas ou grupos, sem descaracterizar ou anular a essência e as especificidades de cada um, isto porque o diálogo é capaz de diminuir barreiras espaciais e cognitivas e conciliar contradições inerentes à vida (ALVES et al., 2010).

Neste sentido, se a sociedade almeja enfrentar os problemas ambientais, um caminho promissor e aparentemente mais eficiente parece ser o de uma educação ambiental (EA) que implemente e possibilite processos dialógicos como princípio e objetivo (ANDRADE; LUCA; SORRENTINO, 2012).

De acordo com o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), a EA compreende a necessidade de investigar os problemas estruturais da sociedade atual, modelo que apresenta falhas e crises que afetam todas as formas de vida no planeta. O Tratado ainda propõe a educação ambiental dialógica como um caminho a ser trilhado para a construção e concretização de novos valores na transição para uma sociedade socialmente justa e ecologicamente equilibrada, com relações interdependentes e diversas. Tal proposta é apresentada também em outros documentos nacionais como o Programa Nacional de Educação Ambiental [ProNEA] e o Programa de Formação de Educadores (as) Ambientais [ProFEA] (ÓRGÃO GESTOR DA PNEA, 2006, 2018).

Neste sentido, a educação ambiental dialógica ocorre nas relações com outros seres humanos e demais formas de vida do planeta, criando e valorizando espaços para ouvir o outro e repensar os próprios pensamentos (ALVES et al., 2010). Sorrentino et al. (2013, p. 37) afirmam que estimular o diálogo constitui um desafio e uma necessidade para a realização de uma EA “que fortalece e confere autonomia e confiança aos indivíduos, que promove a coexistência equilibrada entre as realidades e contextos pessoais e coletivos, entre o moderno e as tradições, entre a tecnologia e o jeito simples de ser”.

A partir de diversos estudos (ANDRADE, 2013; AVANZI, 2005; LUCA; ANDRADE, 2013; ROESE, 2014; SILVA, 2016; MONTEIRO; SORRENTINO, 2019) é possível perceber que à medida em que se formam ambientalistas comprometidos com a transição para sociedades sustentáveis, a vivência e o aprendizado do diálogo se apresentam como aspectos de grande relevância.

Todavia, um dos principais desafios apontados por Monteiro e Sorrentino (2019, p.3) para uma EA dialógica “é a elaboração e implementação de pedagogias dialógicas em contextos formais e não formais de educação, de forma que os educadores devem estar sempre se questionando sobre sua prática à luz da concepção dialógica”.

Para isso, é de grande relevância a investigação de casos de educação ambiental que incorporem em suas ações a prática dialógica. Desta forma, o presente trabalho visou contribuir para o aprofundamento de conhecimentos sobre o diálogo na formação de jovens ambientalistas (objetivo geral). Para isso, pretendeu investigar o Coletivo Jovem Albatroz (CJA), um espaço de formação de

jovens ambientalistas que adota em sua prática a educação ambiental dialógica, a partir dos seguintes objetivos específicos: realizar o levantamento histórico dos processos de formação desenvolvidos dentro do Coletivo Jovem Albatroz; identificar e analisar a ocorrência do diálogo dentro do Coletivo Jovem Albatroz, a partir dos processos de formação desenvolvidos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura realizada neste trabalho teve como objetivo o aprofundamento dos temas *educação ambiental*, *diálogo* e *juventudes*. A seguir, será apresentado a compreensão histórica e conceitual da educação ambiental adotada por este estudo. Em seguida, discorre-se sobre a prática dialógica na educação ambiental. Por fim, trata-se da importância da educação ambiental para formação de juventudes que almejam contribuir para uma mudança planetária.

2.1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para entender a educação ambiental (EA) primeiramente é necessário compreender sua trajetória histórica, bem como o amadurecimento e evolução dos seus conceitos.

A EA foi reconhecida pela primeira vez como uma área do conhecimento em 1972 pela Organização das Nações Unidas, durante a Conferência de Estocolmo. No Brasil, a EA já se manifestava em ações em prol da recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente, antes mesmo de ser incorporada na pasta do Governo Federal, no início dos anos 70, quando foi incluída como parte das atribuições da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) (BRASIL, 2018).

Em 1981, a educação ambiental foi incluída na Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA), pela Lei nº 6.938, com o objetivo de aumentar a participação das pessoas na defesa do meio ambiente (BRASIL, 2018). Em 1988, foi prevista no inciso VI, do art. 225 da Constituição Federal, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e em 1999, recebeu o amparo legal pela criação da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) (BRASIL, 2018).

Outro marco importante foi a criação da Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA) durante o Fórum Global 92, onde diversos educadores estabeleceram e aprovaram o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (BRASIL, 2018).

Quanto à definição da EA é possível encontrar uma diversidade. O Tratado conceitua a educação ambiental como um processo construtivo e dinâmico que se constitui com valores de transformação e mobilização social (FÓRUM GLOBAL DAS ONGs, 1992). O artigo 1º da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), por sua vez, entende EA como processos em que o indivíduo e o coletivo constroem diversos saberes e competências para a conservação do meio ambiente (BRASIL, 1999). Já Sorrentino et al. (2005) conceituam a EA como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos, culturais e socioambientais, devendo, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa, considerando seu sentido de pertencimento e corresponsabilidade por meio de ações coletivas e estruturadas pela própria sociedade.

Sendo assim, fica evidente a existência de múltiplas concepções de EA, as quais tem suas especificidades ligadas com a forma como diferentes grupos sociais percebem e se relacionam com o meio ambiente, como sugere Sauv  (2005a).

Fruto de tal diversidade, surgem, de acordo com a autora (SAUVÉ, 2005b), diferentes práticas pedagógicas de EA. Sauv  (2005b) sugere a existência de quinze correntes de EA divididas em dois grandes grupos, cada uma delas com características bem particulares, baseadas na concep o dominante do meio ambiente. O primeiro grupo apontado pela autora são as tradicionais, que dominaram os anos de 1970 e 1980, sendo elas: a naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sist mica, científica, humanista e moral/ tica. Já o segundo grupo, pertence as correntes mais recentes, sendo compostas pela: holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, eco-educa o e da sustentabilidade. Cabe ressaltar que as correntes não são excludentes, e sim complementares, tornando-se possível a cada educador incorporar em sua prática mais de uma ao mesmo tempo (SAUVÉ, 2005b).

Portanto, ao compreender a existência de diversos conceitos e correntes, se faz necessário esclarecer que o presente trabalho assume a concep o de EA desenvolvida pelo Laboratório de Educa o e Política Ambiental - Oca, da Escola

Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) da Universidade de São Paulo (USP).

A Oca adota cinco pilares interdependentes para uma educação ambiental que intencione a transição para sociedades sustentáveis, sendo eles: comunidade, identidade, diálogo, felicidade e potência de ação (SORRENTINO et. al., 2013).

O pilar da *Comunidade* é definido por Sorrentino et. al., (2013) como um espaço conceitual de interconexão e cooperação entre um grupo de indivíduos com o objetivo de fortalecer suas identidades individuais e coletivas, gerando conexão e pertencimento ao grupo.

O pilar da *Identidade* diz respeito à criação, busca ou resgate de uma identidade individual e planetária, por meio das ações de educação ambiental. É necessário compreender que esse processo educador em busca da identidade é contínuo, visto que ela se modifica conforme os componentes da cultura vão se alterando (SORRENTINO et. al., 2013).

A partir do pilar do *Diálogo* é possível reconhecer a forma como nos relacionamos com o outro, com o planeta e consigo próprio. A partir dessa reflexão, é possível investigar e compreender juntos a maneira como pensamos e agimos, criando uma identidade em comum em prol da transição para sociedades sustentáveis (SORRENTINO et. al., 2013).

O pilar da *Potência de Ação* está relacionado com processos educadores que envolvem pessoas por meio da participação genuína, ou seja, aquela participação que surge enquanto uma necessidade pessoal de transformar a realidade que se vive em busca da felicidade (SORRENTINO et. al., 2013).

Por fim, o pilar da *Felicidade* se relaciona com os demais, pois é retratado pelos autores como um potencial de transformação da realidade em busca de desejos individuais e coletivos (SORRENTINO et. al., 2013).

Dentre os pilares de educação ambiental supracitados, o diálogo foi escolhido como objeto de estudo e análise no presente trabalho. Portanto, o próximo item apresentará conceitos da prática dialógica na EA.

2.2. DIÁLOGO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

De acordo com Bohm (2005, p. 34), citado por Monteiro e Sorrentino (2019), a origem etimológica da palavra diálogo sugere a seguinte compreensão: “uma corrente de significados que flui entre nós e por nosso intermédio”. Ou seja, através das palavras expressas e/ou pensadas existe um fluxo de significados, que é fruto da trajetória de vida de cada pessoa. Através do diálogo é possível reconhecer as diferenças entre as diversas trajetórias e as diferentes formas de viver a vida, e a partir desta compreensão, poder superar os conflitos postos.

Sendo assim, o diálogo é uma forma de se relacionar com o outro, onde não há tentativa de escolher uma ideia correta, não há necessidade de abrir mão dos aspectos em que se acredita. A investigação acontece em conjunto, permitindo o surgimento de novas compreensões (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019), a partir do questionamento dos pressupostos, fruto das diversas vivências e aprendizados, que ficam enraizados em cada pessoa. Tal exercício possibilita uma nova maneira de se relacionar com o outro e com o mundo, fomentando novos valores culturais (JACOBI; MONTEIRO; SOUZA, 2020).

Fica claro, assim, que o diálogo possibilita um reconhecimento e reflexão sobre a relação com os outros seres humanos e com o planeta Terra, respeitando as diferentes formas de viver no mundo e aceitando a incompletude do ser humano (ANDRADE; LUCA; SORRENTINO, 2012).

Neste sentido, a educação ambiental dialógica permite a construção de uma responsabilidade planetária e estimula o fortalecimento da autonomia e confiança entre os indivíduos, democratizando, assim, os diversos saberes e identidades de cada ser (ANDRADE; LUCA; SORRENTINO, 2012).

Andrade, Luca e Sorrentino (2012) afirmam que educadores ambientais inspirados na educação dialógica:

buscam o desembrutecimento que processos pedagógicos coletivos podem estimular em seus participantes, tornando estes espaços de interação uma fonte de alimento intelectual, afetivo e racional, como forma de fortalecimento dos indivíduos, permitindo-nos enfrentar questões cotidianas comumente marcadas por injustiças socioambientais de forma mais equilibrada (ANDRADE; LUCA; SORRENTINO, 2012, p. 591).

Portanto, conhecendo seu conceito e sua importância, se faz necessário a implementação e avaliação de tais práticas. Para isso, Monteiro e Sorrentino (2019) estabeleceram uma síntese das características e princípios do diálogo na visão de

David Bohm, William Isaacs e Paulo Freire, indicando que essa união potencializa a prática dialógica na EA.

Tal síntese foi organizada em duas categorias, a de aspectos externos e a de aspectos internos, cada uma delas compostas por perguntas-indicadoras, cuja finalidade é subsidiar o desenvolvimento, execução e avaliação dos processos de EA. A categoria de “aspectos externos” diz respeito a estrutura do encontro: “sua frequência; o número de pessoas envolvidas; sua disposição; e o local do encontro” (MONTEIRO E SORRENTINO, 2019, p. 25). Já a categoria de “aspectos internos” diz respeito a postura do educador e dos educandos, como:

a deliberação pelo diálogo; a realização da investigação temática; a realização dos círculos de investigação temática; a realização dos círculos de cultura; ouvir e ser ouvido; enfrentar conflitos; demonstrar amor, humildade, fé, confiança, esperança e pensamento crítico; a realização dos quatro momentos do procedimento metodológico [proposto pelos autores] [...] o desvelamento de aspectos culturais; e a existência de tomadas de decisão conjuntas que se desdobram em um trabalho colaborativo, organizado e que acolhe as diferenças (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019, p. 25).

Estas perguntas-indicadoras foram reformuladas por Monteiro e Ribeiro (2020) em três novas categorias: *Liderança dialógica e construção de um ambiente dialógico*; *condições físicas para emergência do diálogo*; e *aprendizado do diálogo*, com o propósito de analisar a ocorrência do aprendizado do diálogo em um processo de educação ambiental desenvolvido, ao longo de quatro meses, com o mesmo grupo de jovens que foi alvo de estudo neste TCC. Na categoria *aprendizado do diálogo*, vale ressaltar a existência do aprendizado de um procedimento metodológico, sugerido por Monteiro e Sorrentino (2019), que estimula a vivência do diálogo.

Tal procedimento se caracteriza por um processo composto por quatro momentos: “(1) codificação; (2) observação da codificação ou escuta genuína; (3) descrição da codificação; (4) “re-admiração” das admirações, observando as sensações corporais e emoções e analisando criticamente todo o processo” (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019, p. 18).

A *codificação* se caracteriza pela representação de algum aspecto da realidade, que pode se dar por meio da fala de outras pessoas ou por imagens, por exemplo. Conforme a informação é recebida, as pessoas podem realizar a *observação da codificação ou escuta genuína*, focando sua atenção e escuta ativa para identificar as emoções e sentimentos que surgem ao recebê-las em silêncio. Em seguida, no terceiro momento, o *de descrição da codificação*, as pessoas

compartilham os pensamentos, as sensações, os sentimentos e as dúvidas sobre aquilo que se está conversando. Então, segue-se para o último momento proposto pelos autores, um convite para *(re)admirar* as admirações, observando as sensações corporais e emoções e analisando criticamente todo o processo, ou seja, é o momento em se busca compreender a maneira que se pensa e age a partir de um novo olhar para as suas verdades e as verdades do outro.

Esse processo oportuniza três possíveis resultados: a compreensão das atitudes do outro; a mudança de pensamentos e ações do outro; a criação de uma nova maneira de agir e pensar com base nas ideias dialogadas (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019).

Sendo assim, o presente TCC buscou complementar a pesquisa de Monteiro e Ribeiro (2020), ampliando o espectro temporal a fim de analisar o diálogo dentro do Coletivo como um todo, considerando, portanto, diversas intervenções de educação ambiental com diferentes jovens integrantes do CJA. Para isso, as categorias de análise e as perguntas-indicadoras do diálogo construídas por Monteiro e Ribeiro (2020) foram apropriadas e adaptadas para subsidiar as análises deste trabalho, conforme apresentado na Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias de análise de perguntas-indicadoras do diálogo

CATEGORIAS	PERGUNTAS-INDICADORAS
Construção de um ambiente dialógico	Há indícios da presença do amor, da humildade, da fé, da confiança, da esperança e do pensar crítico no processo vivido?
	Todos podem se expressar, respeitando e ouvindo, por sua vez, os outros?
Liderança dialógica	A liderança participa como integrante do diálogo, realizando o mesmo exercício que todos os envolvidos?
	A liderança fomenta a construção de um ambiente seguro e de sua confiança?
Aprendizado do diálogo	Há indícios do aprendizado do procedimento metodológico proposto por Monteiro e Sorrentino (2019)?
	Há indícios do aprendizado sobre si, sobre o outro

	e/ou sobre algum aspecto da realidade?
	Há mudanças na forma de pensar e agir, fruto do aprendizado do diálogo (procedimento metodológico)?

Fonte: adaptado de Monteiro e Ribeiro (2020).

Mediante o exposto, apresenta-se a seguir a relação entre diálogo e educação ambiental com a formação de jovens ambientalistas.

2.3. JUVENTUDES

Silva e Silva (2011, p. 664) assumem o significado de juventude “como uma fase de transição entre a adolescência e a vida adulta, um momento de preparação”. Para a Organização Pan-Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS), juventude abrange o período dos 15 aos 24 anos de idade. Já no Brasil, o Estatuto da Juventude, previsto pela Lei nº 12.852/2013, considera jovem a parcela da população entre 15 e 29 anos de idade (BRASIL, 2013a).

Este marco legal dispõe sobre os direitos, princípios e diretrizes das políticas públicas dos jovens, dentre eles, a seção X delibera sobre o direito à sustentabilidade e ao meio ambiente, em que fica garantido às juventudes um ambiente ecologicamente equilibrado, educação ambiental em todos os níveis de ensino e o estímulo à participação dos jovens na elaboração de políticas públicas de meio ambiente (BRASIL, 2013a).

Apesar do Estatuto ser recente, o incentivo da participação dos jovens em pautas ambientais foi fortalecido em 1992, como uma estratégia de desenvolvimento sustentável prevista no capítulo 25, da Agenda 21 Global. Este capítulo reconhece o papel essencial dos jovens na manutenção dos programas previstos pela Agenda 21, visto que são formadores de opinião e serão os tomadores de decisão do futuro (BRASIL, 1992).

Buscando se alinhar com esta estratégia, os Ministérios da Educação - MEC e do Meio Ambiente - MMA elaboraram em conjunto com a Rede da Juventude pelo Meio Ambiente (REJUMA) e a Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA) uma pesquisa intitulada “Perfil e Avaliação dos Conselhos Jovens de Meio Ambiente”, a qual teve como objetivo compreender o perfil dos integrantes jovens

dos Conselhos Jovens, que pouco tempo depois, passariam para a nova identidade de Coletivos Jovens de Meio Ambiente (CJ) (BRASIL, 2005).

Os Coletivos Jovens de Meio Ambiente agregam jovens de 15 a 29 anos que podem pertencer ou não a organizações e movimentos sociais, ambientais, culturais, políticos, estudantis e rurais. Seu principal objetivo é o envolvimento com questões ambientais e o desenvolvimento de atividades relacionadas a esta área (BRASIL, 2005), por meio da garantia da voz e do voto das juventudes nas tomadas de decisão, evidenciando o potencial de mobilização dos jovens (BRASIL, 2013b).

Para isso, os CJ's adotam três princípios orientadores. Um deles é o *jovem educa jovem* - o jovem assume o papel protagonista no processo de ensino/aprendizagem do grupo, de forma que suas experiências passam a ser parte do processo educacional, assemelhando-se com o processo de aprendizado descrito por Brandão (2005) como *comunidades aprendentes*:

o trabalho é mais fecundo quando em uma comunidade aprendente, todos têm algo a ouvir e algo a dizer. Algo a aprender e algo a ensinar. Lugares de trocas e de reciprocidades de saberes, mas também de vidas e de afetos, onde a aula expositiva pode ser cada vez mais convertida em círculo de diálogos. (BRANDÃO, 2005, p. 90)

O segundo princípio é o *jovem escolhe jovem* - que coloca os jovens no centro das tomadas de decisões do grupo, exigindo maturidade e experiência para executar os projetos de seu interesse. E por fim, *uma geração aprende com a outra* - esse princípio remete ao processo de aprendizagem intergeracional, no qual os jovens apresentam novas perspectivas ao que vinha sendo desenvolvido sobre determinado assunto/situação e os adultos, com mais maturidade e experiência, compartilham seus saberes (BRASIL, 2005).

Ferraro-Júnior e Sorrentino (2005, p. 60) apontam os CJ's como espaços para "possibilitar processos de educação ambiental permanentes, articulados, continuados e voltados para a totalidade de habitantes de um determinado território". Isto porque a EA apresenta uma gama de instrumentos pedagógicos que facilitam a promoção do pensamento crítico.

Sendo assim, é possível perceber, a partir dos documentos supracitados, a importância de as juventudes compartilharem suas experiências e construir conhecimentos e ações de forma conjunta e dialógica, potencializando o processo de transição para sociedades sustentáveis.

3. METODOLOGIA

Buscando cumprir os objetivos propostos, o presente trabalho adotou a abordagem qualitativa que possui como característica dados e análise descritivas, não quantificáveis e indutivas (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Como inspiração metodológica, optou-se pelo estudo de caso, cujo princípio base é a investigação de um caso específico, bem delimitado, para que se possa adquirir conhecimentos a respeito de uma temática estudada (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

3.1. PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) foi desenvolvido em três etapas, sendo elas:

Etapa 1: Revisão Bibliográfica

A etapa 1 consistiu na realização de uma revisão bibliográfica, cujo intuito é compreender os temas e identificar as lacunas existentes na literatura, favorecendo a definição sobre a questão a ser estudada (SILVA; MENEZES, 2005). Nesse sentido, foi realizada uma consulta em artigos científicos e livros sobre as temáticas centrais deste TCC: *diálogo, educação ambiental, juventudes e meio ambiente*.

Etapa 2: Análise de Documentos

Uma análise documental é caracterizada pelo acesso e consulta a documentos a fim de coletar dados para análises científicas. De acordo com Ludke e André (1986, p. 38): “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Buscando atingir o cumprimento do objetivo específico 1 realizou-se a análise de diversos documentos relacionados ao Coletivo Jovem Albatroz, como: relatórios das atividades, planejamentos, publicações científicas e em mídias (redes sociais e sites).

Outros documentos que complementam esta pesquisa são os relatos de experiências escritos pelos jovens do coletivo. Todos os jovens que participaram do Coletivo Jovem Albatroz receberam um e-mail com um convite para contribuir com este TCC, por meio da escrita de um relato sobre suas experiências no CJA, a partir de perguntas a respeito de suas vivências, dificuldades e superações dentro do Coletivo. De um total de 91 jovens que já passaram pelas formações do Coletivo Jovem Albatroz, foram analisados 18 relatos de experiência para a presente pesquisa.

Etapa 3: Análise dos dados

Para realização da análise dos dados coletados foi adotado como fonte de inspiração a metodologia utilizada por Monteiro e Ribeiro (2020).

A partir dos documentos técnicos e relatos escritos pelos jovens, buscou-se identificar frases ou parágrafos que dessem indícios dos aspectos do diálogo, por meio da leitura flutuante, com base na adaptação das três categorias de análise proposta por Monteiro e Ribeiro (2020). Uma primeira análise foi feita com o intuito de organizar e separar os dados de acordo com as categorias estabelecidas, presentes no Quadro 1, apresentado anteriormente. Em seguida, foi realizada uma interpretação dos dados encontrados com base nas mesmas categorias.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção será apresentado os resultados e discussões dos dados obtidos. Primeiramente, o levantamento histórico que caracteriza os processos de formação realizados dentro do Coletivo Jovem Albatroz. Em seguida, serão apresentados os resultados discutidos segundo o referencial teórico adotado pela revisão bibliográfica, divididos em duas partes: análise dos dados à luz do diálogo e juventudes e diálogo.

4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DESENVOLVIDOS DENTRO DO COLETIVO JOVEM ALBATROZ

O Coletivo Jovem Albatroz é uma frente de trabalho da coordenação de educação ambiental do Projeto Albatroz. O Projeto desenvolve ações voltadas à conservação de albatrozes e petréis, aves marinhas migratórias ameaçadas de extinção por conta de sua interação com a pescaria de espinhel. Há 30 anos, o projeto desenvolve pesquisas sobre a redução da captura com intuito de subsidiar políticas públicas e promove educação ambiental junto aos pescadores, escolas e sociedade (PROJETO ALBATROZ, 2020a). O CJA se constitui enquanto um espaço de formação de jovens entre 18 e 29 anos de idade, residentes na Baixada Santista, de diversas áreas de conhecimento, respeitando toda a diversidade das juventudes, valorizando a experiência e conhecimento de todos, universitários e não universitários, trabalhadores e estudantes.

Sua fundação ocorreu em agosto de 2015, com o intuito de fortalecer o protagonismo juvenil e fomentar ações conjuntas entre os Projetos Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Tamar (PROJETO ALBATROZ, 2020b), todos patrocinados pelo Programa Petrobras Socioambiental e integrantes da Rede BIOMAR, uma das mais importantes e bem-sucedidas iniciativas de conservação marinha do mundo (REDE BIOMAR, 2016).

O Coletivo adota os princípios teóricos e metodológicos da educação ambiental crítica e dialógica (PROJETO ALBATROZ, 2020c) com o propósito de formar jovens lideranças para atuar na transição para sociedades sustentáveis, tendo como foco a conservação dos ambientes costeiros e marinhos e as inter-relações entre todos os atores existentes neste contexto, como é apresentado no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (FÓRUM GLOBAL DAS ONGS, 1992).

Nesse processo educador, os jovens são protagonistas. Se articulam em encontros presenciais para realizar cursos, oficinas e visitas técnicas. Têm a oportunidade de trabalhar de maneira correlacionada às temáticas socioambientais, criando produtos educacionais, jogos colaborativos, intervenções e artigos científicos, todos com o intuito de realizar a transformação da realidade. Além disso,

participam ativamente de encontros de juventudes e reuniões de órgãos colegiados de meio ambiente para incidir em políticas públicas (PROJETO ALBATROZ, 2020c).

Para isso, assume os cinco pilares elaborados pelo Laboratório de Educação e Política Ambiental – Oca da Universidade de São Paulo (USP) como orientadores em sua postura educadora ambientalista. Outra inspiração metodológica é o “Método” Oca que se caracteriza por uma estrutura dialógica-incremental, portanto sem fórmula fixa (OCA, 2016). Somam-se a esses pilares, os três princípios orientadores de Coletivos Jovens de Meio Ambiente do Brasil, já citados em seções anteriores (BRASIL, 2005). Isso posto, o planejamento dos encontros busca ser estratégico, participativo, incremental e articulado, proporcionando que o aprendizado obtido seja socializado e interiorizado em cada um, o que permite redefinições na caminhada, alterando, quando necessário, as abordagens de trabalho.

Até o momento de escrita deste TCC, o CJA já realizou diversas formações permeando a temática da conservação marinha e costeira ao longo dos seus 5 anos de existência. Nos próximos itens desta seção será apresentado um levantamento histórico destes processos educadores do CJA.

4.1.1. Consolidação do Coletivo Jovem Albatroz

O primeiro passo para consolidação do CJA foi o curso de *Formação de Lideranças Jovens em Políticas Públicas de Conservação Marinha* que ocorreu entre os meses de agosto e dezembro de 2015. O objetivo central foi proporcionar espaços de formação, troca e capacitação de jovens lideranças como agentes de mudança do cenário socioambiental (PROJETO ALBATROZ, 2015a). Para essa formação os educadores responsáveis adotaram uma metodologia participativa, o Mapa Falante, que permeou a construção de um Diagnóstico Participativo do Território através de um processo de coleta e registro de informações da percepção dos jovens acerca dos seguintes temas geradores: Saneamento Ambiental, Urbanização, Pesca e Porto de Santos (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Esta formação se dividiu em momentos distintos, sendo eles: encontros formativos, vivência na rotina do PA, saídas de campo e participação no I Encontro Jovem Mar (I EJM) (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Os encontros formativos aconteceram aos sábados em período integral na

própria sede do projeto, que foi adaptada para receber os jovens. O primeiro encontro foi marcado por uma dinâmica de boas-vindas e o estabelecimento de um acordo coletivo firmado entre os jovens e a equipe técnica do projeto. Neste acordo ficou previsto que todos os sábados as refeições seriam realizadas em conjunto, cada jovem deveria levar um prato de comida para compartilhar durante o horário do almoço. Isso auxiliou a socialização e integração do grupo para além das atividades de aprendizado estabelecidas pela metodologia. É válido destacar outro combinado sobre a disposição circular dos jovens durante os encontros, de forma a permitir que todos conseguissem se enxergar e enxergar o facilitador das atividades (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

As temáticas dos encontros diversificaram ao longo de seu andamento, variando entre a conservação marinha e ferramentas de educomunicação. Sendo assim, ocorreram diversas oficinas. Entre elas uma sobre *conservação de aves marinhas migratórias*, ministrado pela fundadora e coordenadora geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, que apresentou aos jovens a biologia das aves marinhas, a história do Projeto, as problemáticas dos albatrozes e petréis, bem como as atividades de pesquisa e políticas públicas desenvolvidas pela equipe (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Outra oficina teve como tema *ativismo, comunicação e protagonismo digital*, agregando a parte teórica à uma ação prática de ativismo socioambiental nas praias de Santos, visando iniciar a campanha “Mar sem lixo” com a coleta de tampinhas para o Festival Albatroz Socioambiental - 25 anos (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Além disso, foram realizadas oficinas sobre *educomunicação*, possibilitando aos jovens o contato com a teoria sobre olhar, composição e técnica de fotografia, e o exercício prático de fotografar. Além de conhecer e praticar com câmeras digitais, os jovens tiveram contato com uma técnica manual, conhecida como Pinhole. Esse exercício prático foi realizado em uma saída de campo na Ponta da Praia, um bairro de Santos/SP, na qual capturaram e revelaram as imagens no processo de laboratório fotográfico (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Findadas as primeiras oficinas, os jovens analisaram e dialogaram sobre as informações obtidas como resultado da pesquisa dos grupos de trabalho divididos de acordo com as temáticas problematizadoras socioambientais da região: saneamento ambiental, urbanização, pesca e porto de Santos, realizando a hierarquização dos problemas e identificação de potencialidades da Baixada

Santista. Tais resultados apontados por esse diagnóstico participativo do território compuseram o roteiro do Mapa Falante (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Para construção de tal Mapa, o grupo contou com mais três oficinas. Uma com o objetivo de preparar os jovens para o I Encontro Jovem Mar, definindo o produto audiovisual como o formato para a apresentação do Mapa Falante. Com o fim de consolidar a elaboração de tal produto, foi realizada uma segunda oficina sobre produção audiovisual, ministrada por um cineasta, abordando técnicas e olhares da captação de imagem em movimento. A terceira oficina contou com a assessoria de um roteirista para compilar objetivamente as informações do diagnóstico em um vídeo. Nesta oficina os jovens se dividiram e trabalharam em pequenas equipes: captação e compilação de imagens, narração e edição para criar o vídeo (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Tendo o vídeo em mãos, o CJA embarcou para o I Encontro Jovem Mar (EJM), realizado pelos Projetos Baleia Jubarte e Tamar. O evento foi uma iniciativa de fortalecer o protagonismo juvenil na costa brasileira, proporcionando a oportunidade de desenvolvimento e identificação das possibilidades e competências para atuarem como jovens lideranças, no acompanhamento e análise de políticas públicas que vinculam juventude e ambientes costeiros e marinhos (PROJETO TAMAR, 2015).

O I EJM foi realizado na Praia do Forte (BA) durante três dias no mês de novembro de 2015 e contou com a presença de 50 jovens de diversas localidades da costa brasileira, todos vinculados de alguma maneira aos coletivos jovens (CJ) dos projetos da Rede Biomar na época: Projeto Albatroz, Baleia Jubarte, Coral Vivo, Golfinho Rotador e Tamar (PROJETO ALBATROZ, 2015c) (o Projeto Meros do Brasil ainda não fazia parte da Rede neste momento). Tal pluralidade de jovens proporcionou uma troca rica durante a apresentação do Mapa Falante, onde cada CJ pôde apresentar o diagnóstico do seu território de maneira livre. Muitas foram as formas de apresentação: vídeo, teatro, circo, música, panô, entre outras formas de expressão artísticas. Estas apresentações serviram de base para a continuidade da programação do evento, que envolveu visitas a pontos históricos da cidade, celebrações culturais e atividades de elaboração de projetos e planos para a recém-criada Rede Jovem Mar.

De volta à Santos/SP, os jovens tiveram uma última oficina do curso com a finalidade de socializar os aprendizados construídos durante todo o processo de formação (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

O encerramento do curso, que fomentou a criação do Coletivo Jovem Albatroz, ocorreu no dia 09 de dezembro de 2015, em uma cerimônia aberta aos pais, amigos e convidados do PA na Concha Acústica do município de Santos/SP. A programação contou com a exibição do vídeo do Mapa Falante e cerimônia de entrega de certificados aos jovens (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

Toda esta estrutura descrita até o presente momento, integrou o primeiro curso realizado pelo Coletivo Jovem Albatroz, formando 17 jovens lideranças ambientalistas (PROJETO ALBATROZ, 2015b).

4.1.2. Segunda Formação de Jovens do CJA

No início do ano seguinte, em 2016, o CJA abriu um novo processo de formação, desta vez para uma oficina de *Elaboração de Projetos Ambientais e Culturais* que ocorreu durante seis encontros, no mês de março, na sede do Projeto Albatroz (PROJETO ALBATROZ, 2016a). Esta formação teve como finalidade estimular e capacitar os jovens na escrita de projetos.

Para isso, as educadoras ambientais do PA adotaram a confecção de um projeto coletivo como o fio condutor destes encontros, alternando-os entre atividades teóricas e práticas, buscando apresentar os principais métodos utilizados para a produção e inscrição de projetos nas mais diversas plataformas de captação de recursos. Esta oficina capacitou e integrou 10 novos jovens ao grupo (PROJETO ALBATROZ, 2016b).

4.1.3. I Encontro Jovem Transformar

Outra ação vivida pelo CJA no ano de 2016 foi a participação no I Encontro Jovem Transformar, em junho, na cidade de Ubatuba/SP. O evento foi organizado pelo Projeto Tamar, Aquário de Ubatuba e Instituto Argonauta, com o objetivo de criar um coletivo de jovens para o município. O evento teve duração de três dias e contou com a participação de vários grupos de jovens, ligados à diferentes instituições, da cidade. O único grupo não pertencente à cidade era o CJA, o qual

foi convidado para compartilhar seus aprendizados e, assim, contribuir com a construção desse novo CJ no litoral paulista. Dessa forma, recebeu a missão de facilitar algumas atividades durante o encontro, promovendo uma troca de saberes sobre o funcionamento de um coletivo jovem (PROJETO ALBATROZ, 2016b). Em paralelo, o CJA teve a oportunidade de conhecer os desafios das juventudes local e a cultura caiçara do litoral norte de São Paulo em uma saída de campo para o Quilombo da Fazenda no núcleo Picinguaba.

4.1.4. Avaliação e Novas Propostas

No final do ano, os jovens se reuniram com o intuito de avaliar os aprendizados e propor novas metodologias a serem incluídas no cronograma de renovação do contrato de patrocínio do PA. O resultado desta oficina gerou um compilado de ideias que foi apresentado para a coordenação geral do projeto (PROJETO ALBATROZ, 2016b).

Como dito acima, as ações realizadas pelo Projeto Albatroz são viabilizadas por meio do recurso financeiro de um patrocinador, estes recursos atendem um cronograma de atividades por três anos, podendo ser renovado posteriormente para um novo período. Findado o contrato de patrocínio, o Projeto Albatroz ficou um período sem realizar determinadas atividades. Este período entre a finalização de um projeto e aprovação de um novo pode demorar alguns meses, desmobilizando a maioria dos jovens, de forma que apenas uma pequena parte se manteve presente, sistematizando o aprendizado do ano anterior.

Alguns jovens se propuseram a realizar uma sistematização e participar do IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental realizado no município de Balneário Camboriú/SC no ano de 2017, apresentando um resumo intitulado “Coletivo Jovem Albatroz: formação de juventudes em políticas públicas para conservação marinha”. Esta viagem deu início à primeira ação do CJA incorporada no cronograma oficial do PA no novo contrato assinado com o patrocinador (PROJETO ALBATROZ, 2017).

4.1.5. Reestruturação e fortalecimento do CJA

Após aprovado o contrato de patrocínio 2017-2020 e buscando reestruturar e fortalecer o Coletivo Jovem Albatroz, uma oficina de três dias foi planejada com o objetivo de mobilizar jovens da Baixada Santista a participar do processo de transformação do jogo *A grande viagem do Albatroz*, cuja característica é ser um tabuleiro gigante onde as próprias crianças são as peças do jogo, em um jogo de tabuleiro de mesa. Como produto desta ação, o coletivo elaborou o *Jogo do Albatroz*, de caráter cooperativo, confeccionando algumas unidades para serem distribuídas e utilizadas na educação ambiental das outras bases de trabalho do Projeto (PROJETO ALBATROZ, 2017).

Outra atividade realizada com o propósito de agregar novos jovens ao CJA foi o curso *(Re)conhecendo a Educação Ambiental*, realizado em parceria com o Grupo de Estudos de Educação Ambiental e Cultura (GEEAC) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Este curso foi desenvolvido ao longo de três dias e contou com a participação de 12 jovens (PROJETO ALBATROZ, 2017).

No final de 2017, foi realizado o planejamento de uma intervenção educadora a ser realizada nas praias de Santos/SP, durante os sábados de janeiro e fevereiro do ano seguinte. Essa empreitada agregou novos jovens e teve o intuito de abordar a questão dos resíduos sólidos nos ambientes costeiros e marinhos. Nos encontros preparatórios, os jovens realizaram o planejamento participativo desta ação, definindo o consumismo como temática problematizadora socioambiental (MONTEIRO et al., 2018), ganhando, portanto, o nome de *Consuma São*. Ela foi planejada como um percurso interativo caracterizado por um cenário distópico do ambiente praiano, com muitos resíduos espalhados, seguidos por três provocações para oportunizar a reflexão individual dos participantes sobre seus hábitos de consumo e a presença da cultura consumista em suas vidas, tendo ao final um “cantinho do acolhimento”, ambiente aconchegante que tinha como finalidade acolher o participante e convidá-lo para uma conversa, a partir dos princípios dialógicos, sobre as dificuldades e potencialidades que emergiram no percurso (MONTEIRO et al., 2020). Monteiro et al. (2020) relatam que as temáticas das conversas vinham das reflexões feitas pelos próprios participantes da intervenção ao longo do percurso e que o CJA buscou adotar uma postura dialógica, tentando não se apegar aos seus pressupostos e julgamentos ao ouvi-los, permitindo assim um momento de reflexão conjunta sobre a cultura consumista.

4.1.6. Formação de Jovens Educadores Ambientais

Com o propósito de consolidar a entrada de novos jovens ao Coletivo, abriu-se um processo de seleção no mês de março de 2018, agregando 21 novos membros ao CJA, para participarem da primeira formação do contrato de patrocínio 2017-2020, intitulada *Educação Ambiental e a Transição Educadora Ambientalista para Sociedades Sustentáveis*. Os encontros desta formação ocorreram no Laboratório Dínamo da Universidade Unimonte em Santos/SP, às terças e quintas feiras pela manhã, durante 4 meses. Seu principal foco foi estimular os jovens a intervirem na realidade por meio dos princípios teóricos e metodológicos da educação ambiental crítica e dialógica (PROJETO ALBATROZ, 2018a).

Com a finalidade de cumprir o objetivo, a metodologia escolhida pelo educador ambiental buscou romper o paradigma tradicional da educação, colocando os jovens como protagonistas do processo educador (PROJETO ALBATROZ, 2018a), adotando como base o “Método” Oca e utilizando a construção de um projeto de intervenção como o fio condutor dos encontros.

Esta formação se desenvolveu em 29 oficinas presenciais. Como de costume, os encontros que marcaram o início desta formação tiveram como objetivo apresentar as linhas de trabalho do Projeto Albatroz para os jovens. Para tanto, os dois primeiros foram dedicados a integração do grupo e a apresentação do trabalho das equipes de educação ambiental e comunicação (PROJETO ALBATROZ, 2018a).

No terceiro encontro, os jovens iniciaram o contato com as dimensões da educação ambiental. Esta temática se estendeu até o quinto e sexto encontro quando foi apresentado o “Método” Oca e iniciado o processo de planejamento de uma intervenção coletiva com a escolha da temática problematizadora socioambiental, objetivo, território de atuação e público-alvo (PROJETO ALBATROZ, 2018a).

Em seguida, a gerente geral do Projeto Albatroz, Tatiana Neves, foi convidada a apresentar a trajetória do trabalho desenvolvido desde o início do Projeto, com o propósito de servir como exemplo de um projeto de intervenção. Sendo assim, durante o sétimo e oitavo encontro, os jovens tiveram a oportunidade de aprender sobre a biologia dos albatrozes e petréis, as ameaças e as medidas de

mitigação desenvolvidas pelo PA, além de conhecerem a trajetória da criação do Instituto (PROJETO ALBATROZ, 2018a).

Após os encontros inspiradores com a presença da Tatiana, os jovens voltaram a se planejar. Para organizar esse planejamento, o Coletivo se dividiu em quatro grupos de trabalho (GT): *Logística*, responsável por averiguar local, definir horário, articular com público-alvo etc.; *Educomunicação*, responsável por desenvolver produtos educacionais sobre a intervenção; *Caminho das águas*, responsável por desenvolver uma provocação pedagógica sobre o trajeto de um corpo d'água, desde a nascente até o mar; e *Roda de conversa*, responsável por mediar uma reflexão em grupo sobre os impactos socioambientais ligados aos corpos d'água (PROJETO ALBATROZ, 2018a). Os quatro grupos trabalharam na organização do evento do nono ao décimo primeiro encontro, gravando vídeos para registro e divulgação do evento, verificando a logística do local de evento, elaborando dinâmicas e correlacionando o trabalho de planejamento com o Método Oca.

Neste exercício feito pelo Coletivo surgiram dúvidas sobre duas componentes do método, a Utopia e os Círculos de Cultura, o que exigiu uma alteração do cronograma inicialmente planejado, resultando na realização de duas oficinas com tais temáticas (PROJETO ALBATROZ, 2018a).

Na sequência, entre o décimo quarto e quinto encontro, o CJA avançou nas atividades de planejamento, criando a arte de divulgação da intervenção, testando as dinâmicas propostas e acertando detalhes logísticos (PROJETO ALBATROZ, 2018a).

A intervenção intitulada, *Ciência e Saber Popular: em busca da justiça socioambiental*, foi realizada durante o décimo sexto encontro, com o objetivo de estimular jovens universitários a trabalharem com o tema dos resíduos sólidos, do saneamento e da justiça socioambiental em seus projetos de pesquisa e extensão dentro da universidade. A ação ocorreu na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) em Santos/SP (PROJETO ALBATROZ, 2018b).

Os encontros seguintes foram dedicados a avaliação de todo o processo da intervenção, considerando a organização e execução da atividade e os dados coletados dos participantes. Durante este processo de avaliação, alguns temas de interesse foram ressaltados e trabalhados pelos jovens em seminários, como: *concepções e práticas de educação ambiental, território, círculos de cultura e*

políticas públicas de educação ambiental. (PROJETO ALBATROZ, 2018a). A formação se encerrou no mês de julho de 2018 e cada jovem recebeu um certificado de conclusão de curso.

Neste período o grupo recebeu o convite do Projeto Tamar, Instituto Argonauta e Aquário de Ubatuba para realizar em parceria o III Encontro Jovem Transformar. Para isso, o grupo realizou 2 reuniões de planejamento até a viagem para cidade de Ubatuba/SP, onde o evento foi realizado. Esta ação permitiu que os jovens facilitassem diversas atividades durante os três dias de evento (PROJETO ALBATROZ, 2018b).

4.1.7. Formação em Educomunicação e Processos de Educação Ambiental

Em virtude do entusiasmo dos jovens e estímulo do educador ambiental do PA, o GT de educomunicação, criado na formação anterior, se propôs a elaborar e oferecer uma formação para novos jovens sobre o tema. Para construção deste curso, os jovens junto ao educador ambiental, planejaram sua estrutura e metodologia, realizando, por fim, o processo de divulgação das vagas e seleção dos novos jovens (PROJETO ALBATROZ, 2018b).

Esta formação, nomeada *Educomunicação e processos de educação ambiental em ambientes costeiros e marinhos*, teve como proposta formar jovens educadores dos processos de educação ambiental desenvolvidos pelo Coletivo Jovem Albatroz. Somaram-se 22 novos integrantes ao CJA para participar de 12 encontros formativos entre os meses de setembro a dezembro de 2018, no mesmo laboratório da formação anterior (PROJETO ALBATROZ, 2018b).

A metodologia aplicada para esse curso foi semelhante à do anterior, colocando o jovem como protagonista do processo de aprendizado, novamente, buscando romper com o paradigma tradicional da educação. Os jovens tiveram contato com várias ferramentas educacionais durante os encontros por meio de atividades práticas (RIBEIRO et al., 2019b).

Como de costume, o primeiro encontro desta formação teve como objetivo acolher os novos integrantes e realizar dinâmicas de apresentação pessoal. Os conceitos teóricos da temática central desta formação, a educomunicação, foram apresentados ao grupo durante o segundo encontro. As ferramentas educacionais foram apresentadas de maneira prática aos jovens a partir do

terceiro encontro, com uma oficina teórica e prática de fotografia, seguida por oficinas de produção de texto, ilustração e produção audiovisual (PROJETO ALBATROZ, 2018b).

Por volta do oitavo encontro, os jovens foram convidados a refletir sobre uma das técnicas apresentadas que mais lhe agradou para que começassem a elaborar um produto educacional dos processos de educação ambiental desenvolvidos pelo PA. Para tal, se dividiram em dois grupos de trabalho: um decidiu fazer um vídeo para explicar as regras do Jogo do Albatroz e outro criou uma história em quadrinhos sobre o ciclo de vida dos Albatrozes. As apresentações destes materiais marcaram o encerramento desta formação, com entrega dos certificados de conclusão (PROJETO ALBATROZ, 2018c).

4.1.8. II Encontro Jovem Mar

No final de novembro do mesmo ano, o CJA se reuniu para uma reunião de preparação para o II Encontro Jovem Mar. Nesta reunião os jovens conversaram sobre a temática do evento e se organizaram para realização de uma tarefa prévia demandada pela organização. (PROJETO ALBATROZ, 2018c).

A segunda edição do EJM foi realizada em Arraial D'Ajuda (BA) entre novembro e dezembro de 2018, tendo como anfitrião o Projeto Coral Vivo e tema "Nosso Lixo, Nossos Mares" (CORAL VIVO, 2018). O evento contou com a participação de 50 jovens da costa brasileira representados pelos CJs associados à Rede Biomar. Exibição de filmes, debates, ações de limpeza de praia, gincanas, quiz, apresentação de esquetes, entre outras compuseram a programação do evento (CORAL VIVO, 2018).

4.1.9. Planejamento Participativo do III Encontro Jovem Mar

Ao retornar do II EJM, o Coletivo Jovem Albatroz, deu início ao planejamento da terceira edição do EJM, sob responsabilidade do Projeto Albatroz, com a formação de uma comissão organizadora para pensar de forma participativa a programação do evento.

Foram necessárias 20 reuniões de planejamento, totalizando 60 horas de trabalho para construção do III Encontro Jovem Mar. O CJA adotou as mesmas

inspirações metodológicas utilizadas na rotina de seus encontros para embasar a programação do evento, cujo objetivo foi fortalecimento do protagonismo juvenil dentro da Rede Jovem Mar (RIBEIRO et al., 2019a). Para tal, os jovens criaram um planejamento com dois aspectos principais: a sensibilização e a ação, que serviu como fio condutor para as atividades executadas durante os três dias de evento (PROJETO ALBATROZ, 2019a).

O III EJM ocorreu no SESC Bertioga (SP) nos dias 09, 10 e 11 de abril de 2019, para aproximadamente 50 jovens da costa brasileira dos 5 projetos pertencentes a Rede Biomar. O primeiro dia do evento contou com atividades voltadas ao contato e o desconforto reflexivo, com ações de acolhimento e meditação guiada; para o segundo dia as ações foram pautadas na esperança, com atividades de imersão em grupo, saída de campo e troca cultural; a celebração e avaliação foram as temáticas centrais do último dia do encontro, com ações de planejamento conjunto, avaliação do evento e celebração (ALBATROZ, 2019b).

4.1.10. Produção Audiovisual – uma nova formação

Na sequência, uma nova formação foi iniciada, fruto de uma demanda reconhecida pelo GT de Educomunicação. Os jovens perceberam que existiam poucos membros no coletivo capacitados para realizar a produção audiovisual, desta forma, o trabalho ficava concentrado nas mãos de dois ou três jovens. A proposta desta formação surgiu com a intenção de agregar novos membros e descentralizar a produção educacional audiovisual do CJA. Desta maneira, o educador ambiental e quatro jovens planejaram e ofereceram o curso *Produção Audiovisual - Uma Ferramenta Educomunicativa para Processos de Educação Ambiental em Conservação Marinha* a dez novos ingressantes (ALBATROZ, 2019c).

Esta formação ocorreu durante 22 encontros, entre o mês de julho a setembro de 2019, parte no Ànima Lab da Universidade São Judas e parte na sala de aprendizados do Clube de Canoagem “Canoa Caiçara”. Seu objetivo foi formar jovens capazes de produzir materiais audiovisuais educacionais para os processos de educação ambiental (PROJETO ALBATROZ, 2019c).

A metodologia planejada pela equipe pedagógica do curso o dividiu em dois momentos: o primeiro de familiarização com as teorias de educação ambiental e as

frentes de trabalho do Projeto Albatroz e o segundo momento de aprendizado sobre a técnica da produção audiovisual de maneira prática (PROJETO ALBATROZ, 2019c).

Portanto, como previsto, o primeiro encontro do curso contou com uma dinâmica de acolhimento e boas-vindas. O segundo e terceiro abordaram as principais concepções e teorias de educação ambiental. Para o quarto, quinto e sexto encontro, os jovens receberam representantes das frentes de trabalho do projeto: comunicação, técnica e educação ambiental, onde puderam conversar com a coordenadora geral, Tatiana Neves, conhecendo um pouco mais sobre a biologia do albatroz, suas ameaças, as medidas de mitigação e políticas públicas. Bem como oficinas facilitadas pelas coordenações de educação ambiental e comunicação (PROJETO ALBATROZ, 2019c).

Já o segundo momento foi dividido de acordo com as fases de planejamento e elaboração de produtos audiovisuais: planejamento e roteirização, captação de imagem e edição. O sétimo e oitavo encontro tiveram como objetivo apresentar os conceitos de educomunicação e as práticas já realizadas pelo CJA. As oficinas seguintes foram importantes para a idealização dos vídeos. Ao longo de três encontros os jovens definiram a temática e iniciaram o planejamento e roteiro de gravações (PROJETO ALBATROZ, 2019c).

Com o intuito de iniciar as gravações, a décima segunda oficina foi dedicada à teoria e exercícios práticos de captação de imagens. A partir de então, os encontros foram dedicados às gravações de entrevistas e imagens complementares. A primeira saída de campo realizada pelo grupo, em parceria com a *Escola de Canoagem Canoa Caiçara*, foi uma remada pela região portuária de Santos/SP, buscando gravar imagens da pescaria e fauna marinha local. Além disso, foi realizada a gravação do dia a dia da equipe na sede do PA e das atividades realizadas na escola pelo Programa Albatroz na Escola (PAE) (PROJETO ALBATROZ, 2019c).

Em posse das imagens necessárias, o grupo iniciou a etapa de edição durante o décimo oitavo encontro, com a realização da oficina de decupagem de imagens e edição. Neste momento, como pré-estabelecido com o grupo, foi necessário a escolha de uma pessoa como ponto focal da edição, com a função de manter a narrativa do vídeo linear. Sendo assim, o grupo trabalhou até o vigésimo

primeiro encontro finalizando os materiais para a apresentação na festa de encerramento do curso (PROJETO ALBATROZ, 2019d).

O encerramento do curso foi realizado no restaurante, Quintal da Véia, onde apresentaram as produções audiovisuais para convidados e outros membros do CJA, celebrando o final da formação com o recebimento dos certificados de participação do curso (PROJETO ALBATROZ, 2019d).

Todos os itens acima expuseram um compilado dos dados referentes aos processos educadores realizados pelo CJA, desde sua fundação até o momento de escrita deste TCC, gerando, portanto, um levantamento histórico do Coletivo Jovem Albatroz.

Na próxima seção será apresentado uma análise à luz do diálogo, utilizando este levantamento histórico e os relatos escritos pelos jovens.

4.2. ANÁLISE DOS RESULTADOS À LUZ DO DIÁLOGO

Nesta seção será apresentada as análises realizadas com base nos resultados obtidos pelo cruzamento da análise documental e análise dos relatos de experiências escritas pelos jovens do Coletivo Jovem Albatroz, a partir das perguntas-indicadoras do diálogo, divididas em três categorias: *construção de um ambiente dialógico, liderança dialógica e o aprendizado do diálogo*.

4.2.1. Construção de um ambiente dialógico

Dentro desta categoria buscou-se indícios de características fundamentais para a criação de um espaço de qualidade para a emergência do diálogo (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019).

4.2.1.1. O fomento do amor, da humildade, da fé, da confiança, da esperança e do pensar crítico

De acordo com Paulo Freire (1981) o *amor, a fé, a confiança, a humildade, a esperança e o pensamento crítico* são características essenciais para a criação de um campo de conversação onde o diálogo possa emergir. Essas características puderam ser identificadas nos documentos que compuseram o item anterior do

presente trabalho, *caracterização dos processos de formação desenvolvidos pelo Coletivo Jovem Albatroz*, e também nos relatos escritos pelos jovens em seus relatos de experiência.

Para Freire (1981), o *amor* é interpretado como um atributo que permite conexão e acolhimento entre os seres, gerando o desejo de que todos possam se desenvolver coletivamente e individualmente. Neste sentido, foi possível encontrar indícios do estímulo desse *amor* freireano na realização de refeições coletivas, como evidenciado na primeira formação realizada pelo CJA (PROJETO ALBATROZ, 2015b), fomentando a socialização, integração e construção de vínculos entre os jovens. Tal estímulo também apareceu no depoimento escrito do Jovem 1 ao afirmar que o CJA “estimula constantemente o agir coletivamente, respeitando os diversos corpos e pensamentos existentes”. Disse ainda ser constantemente estimulado em seu processo de desenvolvimento ao dizer “[...] estar o tempo todo me reeducando, me colocando em análise e às vezes até em conflito com o cotidiano”. O Jovem 13 reforça esse aspecto ao dizer que

o CJA é uma fonte de aprendizados e nos proporciona a oportunidade de desenvolver o protagonismo jovem com responsabilidade e seriedade, mas sempre mantendo a leveza e o humor nos encontros, gerando um ambiente de empatia e respeito.

A característica da *fé* se relaciona com o ato de acreditar no potencial de todos os seres humanos para se desenvolver e transformar sua realidade e essa característica deve ser desenvolvida antes mesmo que o diálogo se instale com o grupo (FREIRE, 1981). Entre os depoimentos foi possível encontrar um indício interessante de emergência da *fé* no relato do Jovem 10 durante uma ação realizada pelo CJA:

[Era uma ação] com as crianças que frequentam o Arte no Dique, no Dique da Vila Gilda, Zona Noroeste em Santos. O ambiente era lindo [...] com um quadro bem grande no espaço central com o trecho de uma das canções de Gilberto Gil: “*Andá com fé eu vou, que a fé não costuma faiar*”. Nesse dia minha fé só aumentou. Fé nos pequenos que passaram o dia conosco. Fé em acreditar que nosso trabalho com educação ambiental faz diferença na vida do próximo.

Quando o amor, a *fé* e a humildade se fazem presentes, Freire (1981) afirma que a *confiança* emerge. O Jovem 7 relata sua experiência durante os primeiros encontros da sua primeira formação dentro do Coletivo, dizendo que “senti que

passaria vergonha, mas resolvi ir ao primeiro encontro e saber melhor com o que eu estava lidando”. Essa fala parece demonstrar um receio do jovem ao ingressar em um novo ambiente. Complementa enunciando a superação desse medo ao dizer que “no primeiro encontro vi no rosto dos meus futuros colegas a mesma expressão que provavelmente eu carregava em meu rosto [...]. Pensei ‘ao menos eu não estou sozinha nessa’. Percebi, cada vez mais, que uma coisa que eu não estava era sozinha”. Em seu relato é possível identificar indícios de segurança que fomenta a característica da confiança.

Já o Jovem 6 reforça essa característica dizendo que “sinto que o CJA se tornou uma grande família, onde podemos contar com todos a todo momento. Tudo isso me faz sentir pertencente a este movimento, me dá orgulho de estar nele”. A mesma característica pode ser percebida na fala do Jovem 11: “além do acolhimento como coletivo, trazendo a mim o sentimento de pertencimento ao grupo, as relações com os participantes atingem muito além de uma postura profissional, ela se expande para verdadeiro companheirismo”. Todos esses depoimentos parecem demonstrar a *confiança* e conforto dos jovens ao compartilharem suas experiências e sentimentos, gerando o sentimento de pertencimento e companheirismo entre todos.

A *esperança* representa o propósito do diálogo, ou seja, sugere que o processo educador deve ter um objetivo a ser atingido (FREIRE, 1981). Essa característica parece ficar clara na fala do Jovem 2, que participou da primeira formação no ano de 2015, quando afirma que “o foco [da formação] era deixar um impacto positivo na comunidade local e construir uma estrutura juntos que pudesse contribuir em um futuro próximo para outros jovens”. Em adição, o Jovem 9 reforça essa intencionalidade ao escrever que o CJA “representa um espaço onde jovens podem criar suas iniciativas, de forma autônoma e democrática internamente”. Tais depoimentos parecem indicar a materialização da intencionalidade dos educadores responsáveis em fomentar um espaço de construção coletiva e dialógica (PROJETO ALBATROZ, 2020c) de utopias e intervenções (OCA, 2016).

O *pensar crítico*, caracterizado por uma análise do contexto histórico-cultural (FREIRE, 1981), foi identificada no relato do Jovem 1 ao dizer que “cada encontro conseguimos crescer pessoalmente um pouco mais. Nos desconstruir dentro dos sistemas que foram impostos pelas gerações anteriores, produzindo potencialmente os nossos saberes e os nossos próprios sistemas”.

Além disso, indícios do estímulo à *humildade*, à *confiança* e à *esperança* foram encontrados na forma como foram organizados os Encontros Jovem Mar (primeira, segunda e terceira edição) e o Encontro Jovem Transformar (primeira edição). Estes eventos fomentam o encontro entre coletivos, com jovens de outras culturas e realidades, estimulando por meio das atividades propostas e tempo de socialização a possibilidade de ouvir e conversar com o diferente, exercitando a *humildade* ao promover trocas de saberes, sem a necessidade de impor ou julgar a maneira de interpretar o mundo do outro (FREIRE, 1981); estimularam a *confiança* ao promover o compartilhamento das diferentes visões de mundo com outras pessoas de fora do coletivo (FREIRE, 1981); fomentaram a *esperança*, uma vez que os jovens puderam (re)conhecer outros jovens de outras partes do país, com características tão distintas, que compartilham da mesma causa de luta: a conservação dos ambientes marinhos e costeiros.

4.2.1.2. Expressão, respeito e escuta

A expressão, o respeito e a escuta são elementos fundamentais para a criação de um ambiente dialógico como descrito por Monteiro e Sorrentino (2019, p.17) ao citar Bohm (2005):

é muito importante que todos tenham a oportunidade de se expressar e de “ouvir livremente”, sem preconceitos e sem interesse de influenciar os participantes da conversa, já que havendo tentativas de convencer ou persuadir o Outro, ter-se-á os pressupostos guiando a relação, a qual não terá o caráter de diálogo. Se as opiniões forem enunciadas, ouvidas, respeitadas e suspensas por todos os participantes do diálogo, uma mente comum surgirá, uma vez que ela será o resultado de todos os conteúdos existentes no grupo, formando assim um conteúdo compartilhado por todos.

Nesse sentido, o Jovem 2 relata as dificuldades iniciais que o grupo teve em estabelecer essa maneira de se relacionar durante a primeira formação do CJA: “não foram poucas as vezes que nós do coletivo passamos por situações de conflito de ideias”. No entanto, complementa dizendo que “nos organizamos em uma estrutura onde todos possuíam voz [...] lidar diretamente com pessoas deixou de ser um desafio e passou a se tornar um prazer em minha vida, e isso reflete em toda minha formação e atuação nos dias de hoje”. Esta fala parece indicar a

presença de um ambiente dialógico, isto porque evidencia a liberdade que os jovens sentiam para se expressar livremente, lidando com os conflitos de ideias (MONTEIRO E SORRENTINO, 2019).

Outra evidência importante da valorização dessas características apareceu no Relatório CJA - Evidência de realização das ações (PROJETO ALBATROZ, 2016b) ao relatar a abertura da coordenação geral e de educação ambiental do PA em ouvir as demandas dos jovens no processo de construção do projeto para renovação de contrato com o patrocinador.

Esse princípio parece ter se apresentado também no processo de construção da intervenção intitulada *Consuma São*, na qual os jovens se organizaram para planejar uma intervenção nas praias de Santos com o objetivo de abordar a questão dos resíduos sólidos pelo viés do consumo (PROJETO ALBATROZ, 2018a). Esta intervenção contou com um planejamento participativo, como relatado por Monteiro et al. (2018), evidenciando o fomento da escuta e da expressão, que estimulam, por sua vez, a confiança e a fé dos jovens na transformação.

A realização dessa intervenção também apresenta evidências da intencionalidade da criação de um ambiente dialógico (Monteiro et al. 2018). As temáticas das conversas, realizadas entre os jovens do CJA e as pessoas participantes da intervenção, surgiram a partir das reflexões feitas pelos participantes do percurso, de forma que o CJA buscou adotar uma postura dialógica, abrindo mão dos seus pressupostos e julgamentos ao ouvi-los, permitindo assim um avanço na conversa, identificando juntos as contradições da cultura consumista (MONTEIRO et al., 2020).

Esse estímulo dos jovens aos participantes da intervenção para ter a confiança em iniciar uma conversa verdadeira, expondo aquilo que se pensa para refletirem juntos, é uma forte evidência da intenção de fomentar um ambiente dialógico (MONTEIRO E SORRENTINO, 2019).

Tais evidências aparecem também em outros momentos de planejamento e construção dentro do CJA, como apontado na fala de jovens que vivenciaram tais momentos. O Jovem 10 reforça a intenção do educador em valorizar a construção coletiva, incentivando a expressão de cada integrante do grupo. Já o Jovem 17 demonstra ter sido ouvido: “é um espaço onde ideias podem ser expostas e dialogadas, mudar nossa perspectiva sobre vários assuntos, além de oportunizar momentos incríveis [...] dando voz a nós jovens que muitas vezes não são levados

em consideração”. O Jovem 7 corrobora a intenção do educador em estimular a vivência do diálogo quando diz que “o Coletivo nos dava bastante liberdade, autonomia e me sentia confortável para compartilhar ideias, opiniões, propostas, sem medo de julgamentos. Aquela ansiedade do princípio ia se esvaindo, no lugar dela vieram os vínculos, o afeto e a forte sensação de pertencimento”.

Vale ressaltar também que a coordenação geral e de EA do PA, ao acreditar na importância do protagonismo juvenil, deu uma verdadeira prova de coerência entre seu discurso e prática ao permitir que os jovens ficassem à frente da construção, realização e execução do III EJM. Para viabilizar esse processo, o educador do PA assumiu a função de orientador e não de dono do processo, indício importante de uma liderança que se pretende dialógica para a construção deste ambiente (MONTEIRO et al., 2018).

4.2.1.3. Condições externas

Para além das características internas ou emocionais para a criação de um ambiente dialógico, já expostas nos itens acima, o estabelecimento de um campo de conversação com qualidade dialógica depende de condições externas, ou físicas, para existir (MONTEIRO E SORRENTINO, 2019).

A partir dos documentos da primeira formação realizada pelo CJA é possível verificar as condições físicas para a emergência do diálogo. Esta formação contou com a participação de 17 jovens (PROJETO ALBATROZ, 2015b), número abaixo do qual é sugerido por Monteiro e Sorrentino (2019), entre 20 e 40 participantes, com este número é possível observar “um microcosmo da cultura global”. Apesar do número não corresponder com o sugerido, esse fator não limitou o aprendizado e vivência do diálogo. Os encontros ocorriam na sede do próprio Projeto Albatroz em Santos/SP e tinham uma frequência semanal, assim como sugerido por Bohm (2005) citado por Monteiro e Sorrentino (2019). Já a *disposição* dos jovens na sala de aprendizado foi estabelecida por um combinado coletivo, onde escolheram juntos manter uma roda onde todos conseguissem se enxergar e enxergar o facilitador das atividades (PROJETO ALBATROZ, 2015b), apresentada por Monteiro e Sorrentino (2019, p. 17) como um aspecto externo para o fomento de um ambiente dialógico, “uma vez que tal arranjo não gera privilégios”.

Tal *disposição* circular também fica evidenciada nos documentos das intervenções realizadas pelos jovens, como a *Consuma São* e a *Ciência e Saber Popular*, já que em ambas as atividades o momento de trocas entre os participantes e os jovens foram organizados em roda.

A formação intitulada *Educação Ambiental e a Transição Educadora Ambientalista para Sociedades Sustentáveis* (EATEASS) ocorreu em um local com uma boa acústica (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019), por outro lado a disposição circular (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019) foi afetada pela falta de cadeiras individuais, de forma que o grupo se dispunha em uma espécie de losango com quatro bancos longos. Apesar disso, tal disposição não parece ter trazido grandes dificuldades para o diálogo, pois todos conseguiam se enxergar, de maneira que não havia o destaque de nenhuma pessoa, mantendo a horizontalidade entre os jovens. Este curso agregou 21 novos membros, não correspondendo também ao número sugerido pelos autores, entre 20 e 40 participantes (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019), visto que somente 14 jovens completaram o curso. Tal característica não pareceu ser um fator limitante para ocorrência do diálogo, isto porque a quantidade de participantes menor do que o indicado favoreceu as trocas e a criação de laços entre o grupo.

Os encontros ocorriam duas vezes por semana e não a uma por semana ou uma a cada quinze dias como Bohm (2005 apud MONTEIRO; SORRENTINO, 2019) sugere. Apesar disso, é possível inferir que tal frequência não afetou o diálogo, pelo contrário, estimulou um convívio mais constante, facilitando a confiança entre os jovens.

A formação de *Educomunicação e processos de educação ambiental em ambientes costeiros e marinhos* - (EDUCOM) apresentou condições físicas semelhantes à do curso detalhado acima, isto porque ocorreram no mesmo espaço físico da anterior, seguindo a mesma frequência de encontros e um número semelhante de jovens participantes.

Já a formação de *Produção Audiovisual - Uma Ferramenta Educomunicativa para Processos de Educação Ambiental em Conservação Marinha* - (PROAUD) contou com elementos distintos. Participaram dessa formação 10 novos jovens e 4 membros antigos do CJA, número abaixo do sugerido pelos autores entre 20 e 40 participantes (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019), novamente este não foi um fator

limitante, desde seu planejamento essa formação contava com um número menor de participantes devido os momentos práticos.

Por conta do seu conteúdo técnico essa formação, o curso foi realizado em dois locais de aprendizado, sendo um deles o mesmo lugar dos cursos anteriores, portanto, seguindo as mesmas características já apresentadas, e o outro uma sala de aprendizado de um clube de canoagem. Em determinados momentos a acústica afetou o diálogo entre o coletivo, pois havia interferência sonora durante a troca de alunos do clube de canoagem (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019). Houve também a dificuldade em manter a disposição circular (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019), isto porque o espaço apresentava limitações em sua estrutura física, havendo apenas dois computadores para a edição dos vídeos, uma das principais atividades da formação, de forma que os jovens que não estavam editando, ficavam sentados atrás dos que estavam sentados em frente à tela para aprender junto o que estava sendo feito.

Tendo em vista o exposto até aqui, é possível afirmar que a coordenação de educação ambiental do PA, educadores responsáveis e jovens estabeleceram um ambiente dialógico ao darem espaço para a expressão, respeito e escuta, se sentindo seguros para se expor aos outros, pensando e refletindo juntos sobre aspectos da vida. Bem como, conseguiram estabelecer um campo de conversação com qualidade dialógica ao buscarem adaptar às condições externas para emergência do diálogo, como a frequência semanal dos encontros, a busca por encontros onde a disposição das cadeiras fosse circular, o número de jovens, entre outros expostos acima.

4.2.1.4. Desafios

Com base no exposto nos itens anteriores é possível inferir que o Coletivo Jovem Albatroz busca ser um espaço gerador do diálogo, porém vale ainda destacar que foi possível encontrar desafios relacionados a construção do ambiente dialógico.

O Jovem 18 relata que “mesmo admirando muito o Projeto e o papel do Coletivo nele, sempre achei que era um grupo restrito aos estudantes de biologia ou cursos correlatos”. A impressão inicial deste jovem fez emergir nele a compreensão de que o CJA era restrito a tal público. No entanto, o coletivo tem a

intenção contrária, ou seja, busca agregar jovens de diferentes áreas do saber. Ao ingressar no grupo, o Jovem 18 percebeu tal intencionalidade. Contudo, levanta-se aqui um aspecto importante de ser reconhecido e refletido pelo CJA, já que outros jovens podem ter a mesma impressão e por isso não se aproximam do Coletivo.

Dessa forma, o CJA parece se defrontar com uma possível incoerência: de um lado, quer abarcar a diferença, agregando jovens de diferentes áreas do saber e contextos; de outro tem sua imagem muito vinculada à biologia. Esse limite é importante em se tratando do ambiente dialógico, visto que a abertura para chegada de diferentes pessoas é essencial para a promoção da coexistência da diversidade (SORRENTINO et al., 2013).

Outros desafios encontrados nos relatos de experiência estão relacionados à dificuldade dos jovens em se manterem ativos no CJA, como fica claro no relato do Jovem 1: “um dos desafios, foi a permanência dos jovens e interesse dos mesmos em continuar atuando dentro do CJA”. Vários jovens sugerem a disponibilidade de tempo, recursos financeiros e a locomoção até o local dos encontros como os principais desafios encontrados para a participação e permanência dentro do CJA. Os motivos são explanados pelo Jovem 7 ao escrever que “encontrei algumas dificuldades por estar cursando a graduação concomitantemente, por não ter apoio financeiro e o cansaço”. O Jovem 9 reforça essa dificuldade ao dizer que:

minhas dificuldades são duas: distância e financeira. De me deslocar de São Vicente até Santos nas atividades, de *bike* de baixo da chuva ou do sol. Além disso, da necessidade financeira, pois estava investindo tempo e recursos para participar e eu poderia estar investindo esse tempo em um trabalho, por conta disso tive que me afastar.

O Jovem 1 levanta uma hipótese interessante para explicar uma possível causa de tal situação ao afirmar que “é muito comum pesquisadoras e pesquisadores de educação ambiental atuarem com o que tem e normalmente o que se tem são os braços e as vontades de agir, sem pensar muito no orçamento, porque orçamento sempre acaba faltando”. E complementa dizendo que “a falta de recurso atinge [...] a diversidade das pessoas dentro do CJA. Os jovens [participantes do Coletivo] [...] são universitários que possuem condições básicas para se manter dentro do CJA [...]. Partindo desse ponto, a quantidade de jovens que vivem nas margens periféricas é baixa e a atuação de negros também.”

O Jovem 8 e Jovem 11, além de concordarem sobre estas dificuldades, apresentaram em seus relatos as maneiras que encontram para continuar ativos no CJA, adaptando as suas rotinas para encaixar os encontros em seu planejamento.

Tais falas apresentam elementos que parecem dificultar a manutenção de um ambiente dialógico, apesar dos esforços individuais e coletivos para superar estes desafios (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019).

4.2.2. Liderança dialógica

Para que o Coletivo Jovem Albatroz construa um ambiente onde o diálogo possa emergir, é necessária a presença de um educador que adote a postura de liderança dialógica. Esta se caracteriza por uma série de condutas que fomentam uma relação de confiança entre educador e educando, para que juntos consigam transformar a realidade na qual se inserem (FREIRE, 1981).

Visando atingir este propósito, as formações do CJA buscam estimular o protagonismo juvenil e o pensamento crítico por meio da *colaboração* na escolha dos temas geradores das ações, seguindo pela práxis, ou seja, os jovens são encorajados a elaborar intervenções educadoras ambientalistas seguidas da reflexão sobre esse processo (PROJETO ALBATROZ, 2020c).

Tal propósito foi enunciado pelo Jovem 13 ao escrever que “o CJA [...] nos proporciona a oportunidade de desenvolver o protagonismo jovem com responsabilidade e seriedade, mas sempre mantendo a leveza e o humor nos encontros, gerando um ambiente de empatia e respeito”. O Jovem 15 corrobora ao falar que: “há um constante incentivo à participação e ao protagonismo juvenil [...] por parte dos facilitadores do Projeto Albatroz”. Estas falas indicam a intenção do estímulo à prática dialógica pelos educadores responsáveis.

Segundo Freire (1981), é necessário que a liderança adote uma postura de igualdade, ou seja, que o educador seja parte integrante do grupo, estabelecendo e criando um ambiente seguro e de confiança para que o diálogo aconteça.

Nesse sentido, o Jovem 18 identificou em seu texto a importância dessa participação ao afirmar que

Achei muito interessante o papel da mediação do curso e das reuniões do CJA, que em nenhum momento se colocou no papel de comandar [...] respeitando e considerando a pluralidade de opiniões, ideias e formas de pensar o mundo, oferecendo aos jovens do coletivo uma autonomia.

Tal fala demonstra a intencionalidade do estabelecimento de uma relação horizontal entre os educadores e os educandos.

Outra característica que evidencia um ambiente propício para o diálogo é a oportunidade de se expressar e ser ouvido sem julgamentos ou tentativas de convencer o outro (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019). O Jovem 8 afirmou ser ouvido pela liderança ao perceber que o CJA “é um espaço onde minha opinião conta”. O Jovem 7 complementa a ideia dizendo que “o CJA [...] é um espaço de troca que eu me sentia acolhida”. Essas afirmações parecem indicar que a liderança cria um ambiente de igualdade entre todos, permitindo que os jovens possam se expressar sem receio e compartilhar suas impressões sobre diversos assuntos, elaborando juntos novas opiniões.

Nesse sentido, o Jovem 1, participante ativo o CJA desde seu início (2015), identificou que o grupo possui autonomia para criar sua própria identidade ao escrever que “consequimos ao longo dos anos construir um espaço que cada vez mais possui a nossa cara, o nosso olhar e alguma das nossas muitas vontades”. O Jovem 17 corrobora ao afirmar que a liderança “havia deixado em aberto a possibilidade de cada integrante do coletivo compartilhar dinâmicas com as quais estivessem familiarizados [...] vários integrantes foram levando esses exercícios ao grupo”. Essas falas permitem inferir que as pessoas na figura de facilitação adotam a postura da liderança dialógica ao compartilhar a gestão do aprendizado, possibilitando assim o protagonismo juvenil.

4.2.3. Aprendizado do diálogo

O aprendizado do diálogo foi a categoria adotada para compreender se o processo educador proposto pelos responsáveis pelo CJA oportunizou a vivência e aprendizado da metodologia sugerida por Monteiro e Sorrentino (2019) que estimula a vivência do diálogo, a compreensão de aspectos da realidade, sobre si e sobre o outro, a mudanças de pensamento e ações e a construção de uma nova maneira de agir e pensar com base nas ideias dialogadas.

Os dados obtidos nos relatos de experiência dos jovens dão indicativos de que o aprendizado do diálogo ocorreu, como evidenciado pelo Jovem 16 ao dizer que “acredito nesse tipo de ensino-aprendizagem: que parte dos seus

conhecimentos pré-concebidos, os desestabiliza e depois os reconstrói, tudo isso de forma delicada, construtiva e, especialmente no CJA, muito sensível”.

O procedimento metodológico sugerido por Monteiro e Sorrentino (2019) apresenta quatro momentos, sendo eles: *codificação*, *escuta genuína*; *descrição da codificação*; *(re)admiração*.

O Jovem 9 relata ter aprendido a escutar as opiniões e experiências do restante do grupo, aprendizado que remete ao segundo momento proposto por Monteiro e Sorrentino (2019), o de focar a atenção e realizar uma *escuta ativa*.

Outra percepção feita pelo Jovem 9 foi a de “aprender a colocar minhas opiniões de forma respeitosa”, o que se relaciona com a *descrição da codificação*, descrita como o momento para a exposição dos pensamentos, sensações, sentimentos e dúvidas por meio de conversas (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019). O Jovem 7 também dá indícios da *descrição de codificação* ao escrever que “me sentia confortável para compartilhar ideias, opiniões, propostas, sem medo de julgamentos. Aquela ansiedade do princípio ia se esvaindo, no lugar dela vieram os vínculos, o afeto e a forte sensação de pertencimento”.

O Jovem 1 apresenta em seu texto o aprendizado do último momento proposto, o da *(re)admiração*, ao escrever que “o CJA contribui para a minha desconstrução diária. Nele eu revejo os meus pré-conceitos e busco dentro, e fora, daquele espaço me moldar para o melhor”. O Jovem 8 também relata ter percebido a *(re)admiração* que é marcada pela observação das sensações corporais, das emoções e a análise crítica dos próprios pensamentos e ações. Este momento convida as pessoas a compreenderem a origem dos seus pensamentos, buscando observar se eles ainda fazem sentido ou não para si, para o outro e para o mundo (MONTEIRO; SORRENTINO, 2019).

Outro aspecto importante relatado pelo Jovem 9 é o da emancipação e autonomia para atuar com os aprendizados do diálogo em outras instituições além do CJA.

Em complemento, o Jovem 4 disse:

eu levei do Coletivo Jovem Albatroz muitos aprendizados, experiências profissionais, vivências em grupo e mais do que qualquer coisa aprendi a praticar a escuta ativa e a desenvolver uma comunicação dialógica com intuito de construção e fortalecimento.

O Jovem 2 relata a superação de um desafio pessoal após participar do CJA, ao dizer que: “Lidar diretamente com pessoas deixou de ser um desafio e passou a

se tornar um prazer em minha vida, e isso reflete em toda minha formação e atuação nos dias de hoje”.

Sendo assim, os indícios apresentados sugerem que a ocorrência do aprendizado do diálogo dentro do Coletivo Jovem Albatroz, a partir da promoção de mudanças na forma de pensar e agir dos jovens.

4.3. JUVENTUDES E DIÁLOGO

Como explicitado na revisão da literatura do presente trabalho, existe um marco legal que dispõe e garante o direito da juventude brasileira à sustentabilidade e ao meio ambiente ecologicamente equilibrado (BRASIL, 2013a), o Estatuto da Juventude.

Para tal, o documento sugere a implementação de EA nos níveis de ensino e, também, a participação das juventudes na elaboração das políticas pública por meio de Coletivos Jovens de Meio Ambiente (BRASIL, 2013b), entretanto, o manual não apresenta um caminho metodológico a ser seguido.

A proposta dessa seção é considerar os resultados obtidos neste trabalho e os três princípios orientadores do manual, buscando observar como ambos se complementam.

O ambiente dialógico criado pelo CJA apresenta uma correspondência com o princípio *Jovem Educa Jovem* (BRASIL, 2005), já que os educadores responsáveis pelos processos de formação buscam compartilhar a gestão do aprendizado com os jovens do Coletivo, de forma que estes protagonizaram a formação de novos jovens, como evidenciado durante o curso de produção audiovisual em que elaboraram e executaram a formação de novos integrantes do Coletivo (PROJETO ALBATROZ, 2019b). Outro aspecto importante é o fato de que dois dos três educadores ambientais responsáveis pelo CJA terem sido integrantes do grupo antes de assumir o papel de coordenação e o fizeram dentro da faixa etária jovem, ou seja, enquanto tinham menos de 29 anos de idade. Logo, o cargo de poder estava sob o comando de jovens.

Quanto ao princípio *Jovem Escolhe Jovem*, (BRASIL, 2005) vale destacar que durante as duas últimas formações realizadas pelo Coletivo (descritas nos itens 4.1.7. e 4.1.9), os jovens que compuseram a equipe pedagógica dos cursos

selecionaram os novos integrantes, aspecto importante para estimular o protagonismo e controle por parte dos jovens do processo que estão inseridos.

Por fim, a presença da gerente geral do PA, Tatiana Neves, durante as formações dos jovens, ministrando palestras sobre sua experiência de consolidação do Projeto, pode ser encarada como uma troca entre gerações que ocorre em todas as formações do CJA, fomentando o princípio *Uma Geração Aprende com a Outra* (BRASIL, 2005).

Tendo em vista o exposto, vale destacar que a implementação dos princípios sugeridos pelo manual (BRASIL, 2005) em conjunto com as práticas dialógicas foram possíveis de serem executadas pelas condições oferecidas pelo Projeto Albatroz, como a postura adotada pela coordenadora de educação ambiental, a contratação de educadores ambientais para a função que fizeram parte das formações realizadas pelo grupo. Tais condições optam pela qualidade da formação e não se prende a uma formação tradicional, que preza apenas pelo conteúdo e quantidade de participantes.

Estes resultados sugerem que com o aprendizado do diálogo os jovens se comunicam e interagem, mantendo o respeito à essência de cada um e gerando um aprendizado sobre si, sobre o outro e sobre o planeta, criando uma nova forma de pensar e agir em conjunto (ALVES et al., 2010). Além disto, se questionam sobre sua relação com o planeta e os outros seres humanos (ANDRADE; LUCA; SORRENTINO, 2012), sendo estimulados a realizar intervenções socioambientais que estabelecem o protagonismo juvenil e o engajamento aos indivíduos (SORRENTINO, et al., 2013) participantes do processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste Trabalho de Conclusão de Curso analisar a presença do diálogo ao longo dos diversos processos de formação vivenciados pelo Coletivo Jovem Albatroz, com o objetivo contribuir para o aprofundamento de conhecimentos sobre o diálogo na formação de jovens ambientalistas.

A partir dos resultados foi possível identificar indícios de estímulo à prática do diálogo, impulsionando seu aprendizado. Indícios como: o incentivo ao

protagonismo juvenil, o acolhimento, a crença de que todos os seres humanos podem se desenvolver e se transformar, segurança, companheirismo, pertencimento, propósito a uma causa, troca de múltiplos saberes, incentivo a expressão, respeito, a escuta ativa, gestão horizontalizada, compartilhamento do aprendizado, igualdade, autonomia, identidade, bem como do aprendizado sobre si, sobre o outro e sobre algum aspecto da realidade, possibilitando mudanças na forma de agir e pensar dos jovens.

Além disso, os resultados também apontam desafios importantes para o fomento e a manutenção da prática dialógica, sendo eles: a suposta dificuldade de alguns jovens em se aproximar do grupo por pensar ser exclusivamente da área biológica; dificuldades financeiras, de deslocamento e de tempo encontradas pelos jovens para permanecerem no CJA.

Tendo em vista os resultados, para que o diálogo possa continuar sendo cultivado dentro do Coletivo e cada vez mais vivenciado é preciso manter a abertura institucional, oferecida pela gerente geral e pela coordenação de educação ambiental do Projeto Albatroz, para receber dos jovens suas considerações a respeito dos objetivos e temáticas relacionadas ao CJA.

Outro aspecto a ser mantido é a priorização da qualidade do processo educador, superando uma perspectiva prioritariamente quantitativa, que busca exclusivamente alcançar altas quantidades de participantes e/ou de encontros, assumidos com o patrocinador. É importante que as metas sejam compatíveis com os princípios educação ambiental crítica e dialógica visto que elas fomentam os indícios supramencionados fruto do diálogo, gerando aprendizados, autonomia e o protagonismo juvenil.

Além disso, manter a escolha de um educador ambiental que tenha a mesma faixa etária ou que não seja tão mais velho que os jovens, que tenha formação acadêmica compatível e vivenciado formações no CJA, para que compreenda as características de uma liderança dialógica.

Outro aspecto é a manutenção das condições físicas dos encontros como: a disposição onde todos possam se ver, que não haja diferenciação do detentor do conhecimento e do aprendiz; a frequência semanal, que permita a criação de vínculos de confiança; o número de participantes entre 10 a 40 pessoas e um local com boa acústica.

Também é preciso evitar ou buscar caminhos para resolver os problemas apontados pelos jovens. Para o problema da imagem restritiva do CJA ao público da área ambiental, pode-se buscar ampliar a divulgação de suas ações em espaços ocupados por jovens de áreas do conhecimento diferentes da ambiental.

Já para o enfrentamento do problema dos jovens se manterem ativos no grupo por questões financeiras, de tempo e locomoção, sugere-se o aumento do aporte financeiro ao grupo para subsidiar um auxílio para alguns jovens e/ou vagas para estágios curriculares.

Por fim, sugere-se a realização de mais pesquisas sobre a interface diálogo, juventude e meio ambiente que permitam o aprofundamento da compreensão a respeito dos benefícios e desafios da implementação da prática do diálogo em processos educadores com juventudes que almejam o fomento da transição para sociedades sustentáveis.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Denise M. G., ANDRADE, Daniel F., BARBOSA, Cibele R., BIASOLI, Semiramis A., BIDINOTO, Vanessa M., BRIANEZI, Thaís, CARRARA, Miriely, COATI, Ana P., COSTA PINTO, Alessandra B., FERREIRA, Leo E. C., LUCA, Andrea Q., MACHADO, Júlia T., NAVARRO, Sandra M., PORTUGAL, Simone, RAIMO, Andrea A., SACCONI, Laura V., SIM, Edna F.C., SORRENTINO, Marcos. Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista. In: **AmbientALMENTEsustentable**, 2010, ano V, vol. I, núm. 9-10, p. 7-35.

ANDRADE, D. F. **O lugar do diálogo nas políticas públicas de educação ambiental**. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ANDRADE, D. F., LUCA, A. Q., SORRENTINO, M. O diálogo em processos de políticas públicas de educação ambiental no Brasil. In: **Educação Social**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 613-630, abr-jun 2012.

AVANZI, M. R. Tecido a muitas mãos: experienciando diálogos na pesquisa em educação ambiental. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BRANDÃO, C. R. Comunidades Aprendentes. In: FERRARO JUNIOR, Luiz Antônio (Org.). **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Vol. 1. Brasília: MMA/DEA, 2005, p. 83-91.

BRASIL. **CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - Agenda 21**. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/juventude/item/721.htm>>. Acesso em: 14 ago de 2020

BRASIL. Lei no 9.795/99 – Política Nacional de Educação Ambiental. Presidência da República, Brasília, 1999.

BRASIL. Coletivos Jovens de Meio Ambiente: Manual Orientador. Brasília, DF: Órgão Gestor da PNEA, 2005.

BRASIL. ProFEA - Programa de formação de educadores(as) ambientais: Por um Brasil educado e educando ambientalmente para a sustentabilidade. Brasília: Ministério do Meio Ambiente/ Diretoria de Educação Ambiental. 2006.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013a.

BRASIL. **Programa Nacional de Juventude e Meio Ambiente**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2013b. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/formacao-de-educadores>. Acesso em 12 ago 2020.

BRASIL. **ProNEA - Programa Nacional de Educação Ambiental**. Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental; Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. – 5ª ed – Brasília: MMA, DF, 2018.

Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/publicacoes/educacao-ambiental/category/98-pronea.html?download=1580:programa-nacional-de-educacao-ambiental-5%C2%AA-edicao-5%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 16 ago 2020.

BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**. v.27, n. 1 (79), p. 155-177, 2016.

CORAL VIVO. **II Encontro jovem mais conta com 50 participantes do Brasil**. 2018. Disponível em: <<http://coralvivo.org.br/noticias/lixo-marinho-%C3%A9-tema-do-ii-encontro-jovem-mar-com-50-participantes-do-brasil>>. Acesso em: 26 abr 2020.

FERRARO JÚNIOR, L. A.; SORRENTINO, M. Coletivos Educadores. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.) **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA: Diretoria de Educação Ambiental, 2005. v. 1. p. 59-69.

FÓRUM GLOBAL DAS ONGs. **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**. Rio de Janeiro: 1992. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

JACOBI, P. R.; MONTEIRO, R. A. A.; SOUZA, D. T. P. Caminhos para uma nova ética em tempos pós COVID-19: o desafio de ampliar diálogos e fortalecer aprendizagem social In: SOBRINHO, L. L. P.; CALGARO, C.; ROCHA, L. S. (Org.) **COVID-19: direitos humanos e educação**. Itajaí: UNIVALI, 2020.

LUCA, Andréa Quirino; ANDRADE, Daniel Fonseca; SORRENTINO, Marcos; O diálogo como objeto de pesquisa na educação ambiental. **Educação Real**. v. 37, n. 2, 2012.

LUCA, A. Q.; ANDRADE, D. F. O 'diálogo' como objeto de pesquisa na educação ambiental. In: GUNTZEL-RISSATO, C. et al. **Educação ambiental e políticas públicas: conceitos, fundamentos e vivências**. Curitiba: Appris, 2013, p. 119-129.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. **A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MONTEIRO, R. A. A. ; SANT'ANA, B. C. C. ; FONSECA, A. C. ; OLMOS, C. ; FALASCO, C. F. ; SILVA, C. P. ; KOCSSIS, E. ; RAMOS, F. ; GRAVANICH, G. ; SANTOS, G. D. ; CARVALHO, I. B. ; NETO, J. P. ; CARDOSO, L. G. ; SILVA, L. A. R. ; SILVA, L. F. ; SCARÍMBOLO, L. G. ; RODRIGUES, M. S. ; ROEDEL, M. D. ; CARDOSO, R. S. ; OLIVEIRA, S. A. ; RANIERI, C. A Temática dos Resíduos Sólidos dentro dos Processos de Educação Ambiental desenvolvidos pelo Projeto Albatroz. **UNISANTA BIOSCIENCE** , v. 7, p. 1-8, 2018.

MONTEIRO, R. A. A.; SORRENTINO, M. O Diálogo na Educação Ambiental: uma Síntese A Partir de Martin Buber, David Bohm, William Isaacs e Paulo Freire. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.14, n.1, 2019.

MONTEIRO, R. A. A.; RIBEIRO, V. V.; Diálogo e formação de jovens ambientalistas: uma experiência do Coletivo Jovem Albatroz. In: MONTEIRO, R. A. A.; SORRENTINO, M.; JACOBI, P. R. **Diálogo e Transição Educadora para Sociedades Sustentáveis**. São Paulo: IEE-USP : Editora Na Raiz, 2020.

MONTEIRO, R. A. A. ; SANT'ANA, B. C. C. ; SCARÍMBOLO, L. G. ; RAMOS, F. . Intervenção Educadora Ambientalista e a Transversalidade: a Consuma São. In: Valdir Lamim-Guedes; Rafael de Araujo Arosa Monteiro. (Org.). **Educação Ambiental na Prática: Transversalidade da temática socioambiental**. 1ed.São Paulo: Editora Na Raiz, 2020, v. , p. 161-175.

OCA. O “Método Oca” de Educação Ambiental: fundamentos e estrutural incremental. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO**, v. 21, n. 1, p. 75-93, 2016.

ÓRGÃO GESTOR DA PNEA. Programa nacional de formação de educadoras(es) ambientais: por um Brasil educado e educando ambientalmente para a sustentabilidade. Brasília, DF, 2006.

PROJETO ALBATROZ. **Curso de lideranças em políticas públicas de conservação**. 2015a. Disponível em: <<https://projetoalbatroz.org.br/sobre-o-projeto-albatroz/noticias/curso-de-lideran-ccedil-a-em-pol-iacute-ticas-p-uacute-blicas-de-conserva-ccedil-atilde-o-marinha-comes-ccedil-a-neste-s-aacute-bado-15->>. Acesso em: 27 abr. 2020.

PROJETO ALBATROZ. Relatório CJA Final - Evidência de realização das ações. 2015b.

PROJETO ALBATROZ. **Encontro nacional rede jovem mar. 2015c**. Disponível em: <<https://projetoalbatroz.org.br/sobre-o-projeto-albatroz/noticias/depoimento-sobre-o-encontro-nacional-da-rede-jovem-mar>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

PROJETO ALBATROZ. Chamada para participação no curso de elaboração de projetos ambientais e culturais. 2016a.

PROJETO ALBATROZ. Relatório CJA - Evidência de realização das ações. 2016b.

PROJETO ALBATROZ. Relatório 1º Quadrimestre – Evidência de realização de ações: Questão 26.. 2017.

PROJETO ALBATROZ. Relatório 2º Quadrimestre – Evidência de realização das ações: Questão 26. 2018a.

PROJETO ALBATROZ. Relatório 3º Quadrimestre – Seção 6 – Avaliação do Projeto: Questão 26. 2018b.

PROJETO ALBATROZ. Relatório 4º Quadrimestre – Avaliação do Projeto: Objetivo 5C. 2018c.

PROJETO ALBATROZ. Relatório Descritivo III Encontro Jovem Mar – Evidência de realização das ações: Questão 5A. 2019a.

PROJETO ALBATROZ. Relatório 5º Quadrimestre – Evidência de realização das ações: Questão 5C. 2019b.

PROJETO ALBATROZ. Relatório 6º Quadrimestre – Evidência de realização das ações: Questão 5C. 2019c.

PROJETO ALBATROZ. Relatório 7º Quadrimestre – Evidência de realização das ações: Questão 5C. 2019d.

PROJETO ALBATROZ. **História.** 2020a Disponível em: <<https://projetoalbatroz.org.br/sobre-o-projeto-albatroz/quem-somos/historia>>. Acesso em: 08 mai 2020.

PROJETO ALBATROZ. **Rede Biomar.** 2020b. Disponível em: <<https://projetoalbatroz.org.br/sobre-o-projeto-albatroz/quem-somos/rede-biomar>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

PROJETO ALBATROZ. **Jovem Albatroz.** 2020c. Disponível em: <<https://projetoalbatroz.org.br/educacao-ambiental/coletivo-jovem-albatroz>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PROJETO TAMAR. **Release Jovem Mar.** 2015. Disponível em: <<http://tamar.org.br/releases/release-jovem-mar.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

REDE BIOMAR. Relatório Rede Biomar - 10 anos. 2016 - Outras evidências de realização das ações. 2016.

RIBEIRO, V. V.; LOPES, T. C. ; MONTEIRO, R. A. A. . O planejamento participativo do III Encontro Jovem Mar: uma experiência do Coletivo Jovem Albatroz. 2019a. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

RIBEIRO, V. V.; DIAS, M. R.; MONTEIRO, R. A. A. Educomunicação e juventude: a experiência do coletivo jovem albatroz. **Revista Ceciliana**, v. 11, n. 2, 2019b.

ROESE, M. W. V. Educação ambiental dialógico-crítica e a conservação da biodiversidade no entorno de áreas protegidas. **Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais)** – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SANT'ANA, B. C. C. ; DEFACIO, Y. ; MONTEIRO, R. A. A. ; RANIERI, C. . Coletivo Jovem Albatroz: formação de juventudes em políticas públicas para conservação marinha. In: IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, 2017, Balneário Camboriú. Anais do IX Fórum Brasileiro e IV Encontro Catarinense de Educação Ambiental. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, 2017. v. 12.

SAUVÉ, L. Educação ambiental: possibilidades e limitações. **Educação E Pesquisa**, 2005a v. 31(2), p. 317-322. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200012>

SAUVÉ, L. Uma cartografia das Correntes em educação ambiental. In: M. SATO; I. C. M. CARVALHO (org.). **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed. 2005b, P. 17-45.

SILVA, L. P. Conflitos socioambientais: uma proposta de investigação-ação à luz da educação ambiental dialógico-problematizadora. **Tese (Doutorado em Ciências Ambientais)** – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. edição. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SILVA, R. S.; SILVA, V. R. POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUDE: trajetória e desafios. **CADERNO CRH**, Salvador, 2011. v. 24, n. 63, p. 663-678.

SORRENTINO, M. et al. Comunidade, identidade, diálogo, potência de agir e felicidade: fundamentos para educação ambiental. In: GUNTZEL-RISSATO, C. et al. (Org.) **Educação ambiental e políticas públicas: conceitos, fundamentos e vivências**. Curitiba: Appris, 2013, p. 36-41.

SORRENTINO, Marcos. et al. Educação Ambiental como Política Pública. **Educação e Pesquisa**, 2005, v. 31, n. 2, p. 285-299.